



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
MEIO AMBIENTE**

TIALA CRISTINE DE ALBUQUERQUE DE MORAIS

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE APIQUES
(ITAPIPOCA/CE): UM ENFOQUE DE GÊNERO.**

**FORTALEZA
2012**

TIALA CRISTINE DE ALBUQUERQUE DE MORAIS

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE APIQUES
(ITAPIPOCA/CE): UM ENFOQUE DE GÊNERO.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima

Co- Orientador: Prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar

FORTALEZA
2012

TIALA CRISTINE DE ALBUQUERQUE DE MORAIS

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE APIQUES
(ITAPIPOCA/CE): UM ENFOQUE DE GÊNERO.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª.Dr^ª. Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar (Co-Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª Maria Zelma de Araújo Madeira
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^ª. Dr^ª Gema Galgani Silveira Leite Esmaraldo
Universidade Federal Ceará (UFC)

Aos meus pais que muito contribuíram para
minha caminhada e à minha irmã que
trouxe mais luz à minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me iluminar e proteger por todos os dias dessa caminhada.

À CAPES pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa durante esse período.

À Diana Cajado por ter me apresentado a comunidade.

Aos moradores do Assentamento Maceió por permitir a realização da pesquisa. Aos moradores da comunidade Apiques por permitir a realização da pesquisa e me acolher com tanto carinho, sem os quais o trabalho não teria sido realizado. Em especial a Lucivânia por me receber em sua casa com os “braços abertos”. A Áurea por também me receber com muito carinho e atenção, bem como, a toda sua família com crianças lindas que me proporcionaram momentos de muita alegria. Agradeço ainda, ao Wellington (Bida) por ter me ajudado muito durante toda a pesquisa desde as conversas informais até a aplicação dos questionários e realização das entrevistas.

À minha orientadora Patrícia Sales Lima pela excelente orientação e pelo carinho dedicados a mim. Pessoa muito especial que Deus colocou em meu caminho, sem ela essa caminhada teria sido muito mais difícil.

À professora Gema Esmeraldo por aceitar participar da banca examinadora, pelas contribuições dadas desde a qualificação e por se mostrar sempre atenciosa e acessível.

À professora Zelma Madeira por aceitar participar da banca examinadora e pela disponibilidade em contribuir com as reflexões.

Ao professor Amaro Alencar por aceitar participar da banca examinadora, pelas contribuições dadas desde a qualificação e por ter sido sempre acessível no decorrer do mestrado.

À minha família pelo amor e apoio, em especial aos meus pais e irmã. Pessoas que sempre me fizeram acreditar que tudo vai dá certo.

À minha linda prima Pâmela Albuquerque pela valiosa ajuda, pelos maravilhosos risos e pela encantadora presença.

Ao Jaime de Souza (meu lindo amor) pelo amor, dedicação e compreensão. Por ouvir minhas lamentações e angustias com paciência, sempre buscando ajudar.

À Andrea Camurça por ter sido fundamental para minha inserção no PRODEMA, pois sem sua orientação, carinho e atenção teria sido muito mais difícil.

À todas as minhas amigas queridas pelo amor, palavras de apoio e conforto sempre dedicadas a mim. Aqui evitarei citar nomes, para não cometer o imenso erro de esquecer alguém. Amo todas e sou grata por tudo. Aos meus colegas de mestrado com quem tanto aprendi. Em especial à Karla Cavalcante, Milene Madeiro, Marsisol Albano, Janaína Aderaldo, Armando Silveira e Thiago Costa, pessoas lindas que me ensinaram muito sobre a vida, o mundo e os sentimentos.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Idade e Família que apesar do pouco contato durante o mestrado contribuiu muito para construção desse trabalho, pois parte da minha experiência na área de gênero foi construída durante os anos de ativa participação no núcleo.

Às companheiras do Projeto A Força da Mulher pela compreensão e energia positiva destinada a mim no período difícil da finalização deste trabalho.

RESUMO

As discussões sobre gênero e meio ambiente sugerem haver uma forte relação entre as mulheres e as questões ambientais. Algumas vezes essa relação é apontada como característica inata ao gênero feminino e outras como uma construção social. Nesta perspectiva o objetivo da pesquisa foi analisar a percepção ambiental de mulheres e homens residentes na comunidade Apiques, localizada no Assentamento Maceió\ Município de Itapipoca (CE). A pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, como procedimentos metodológicos adotou-se a coleta de dados por meio de observação, aplicação de questionários e entrevistas. Os principais resultados apontaram que não é possível concluir que as mulheres percebem melhor o meio ambiente do que homens ou vice-versa. Foi observada forte semelhança quanto ao grau de percepção de mulheres e homens, no entanto, os motivos pelos quais ambos os sexos consideram importante o meio ambiente são diferentes e apontam elementos significantes para a reflexão de gênero. Em suas falas as mulheres preocupam-se com o futuro dos filhos e da comunidade, preocupam-se com a escassez de recursos naturais no futuro e com as conseqüências que essa escassez pode gerar na comunidade. Dentre as preocupações masculinas está presente a necessidade de organização da comunidade para resolução dos problemas ambientais locais. Acredita-se que as diferenças entre a percepção ambiental de mulheres e homens são reflexos do sistema de gênero vivenciado que não só influencia a percepção ambiental de ambos os sexos, como mantém as mulheres em condição de subordinação. Essa realidade aponta a necessidade das políticas públicas e ambientais incorporarem a dimensão de gênero, buscando favorecer o rompimento das diversas formas de opressão.

Palavras-chave: gênero, assentamentos rurais, percepção ambiental.

ABSTRACT

The discussions on gender and the environment suggest a strong relationship between women and environmental issues. Sometimes this relationship is seen as the female innate characteristic and others as a social construction. In this perspective, the objective was to analyze the environmental perception of women and men living in the community Apiques, located in Maceió Settlement \ Itapipoca Municipality (EC). It was adopted as instruments to collect data through observation, questionnaires and interviews. The main results showed that it is not possible to conclude that women perceive the environment better than men. There was a strong degree of similarity to the perception of women and men, however, the reasons why men and women consider important the environment is different and interesting elements to show the reflection of gender. In their speeches the women worry about the future of the children and the community, concerned about the scarcity of natural resources in the future and the consequences that this may cause shortages in the community. It is believed that the differences between the environmental perception of women and men are a reflection of the gender system experienced not only influences the environmental perception of both sexes, and keeps women in conditions of subordination. This reality points to the need of public and environmental policies that incorporate the gender dimension, seeking to promote the breakdown of the various forms of oppression.

Keywords: gender, rural settlements, environmental perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Paisagens da comunidade Apiques: zona das dunas, região litorânea, região úmida e coqueirais (sentido anti-horário).	31
Figura 2- Escolaridade de mulheres e homens adultos da comunidade Apiques.	43
Figura 3- Materiais utilizados para produção de renda: almofada, birros, espinhos, molde e linha.	44
Figura 4- resíduos sólidos depositados nas dunas da comunidade Apiques.	48
Figura 5- Acúmulo de resíduos sólidos domésticos em áreas da comunidade Apiques.	48
Figura 6- Efeitos maléficis dos problemas ambientais sobre a qualidade de vida de mulheres e homens na comunidade Apiques.	53
Figura 7- Lazer na comunidade Apiques. Crianças brincando sobre as dunas.	56
Figura 8- Distribuição relativa de homens e mulheres da comunidade de Apiques, segundo a frequência com que sempre se reconhecem como preocupados com o meio ambiente.	59
Figura 9- Distribuição das mulheres segundo a frequência com que consideram seu modo de vida muito prejudicial ao meio ambiente.	61
Figura 10- Distribuição dos homens segundo a frequência com que consideram seu modo de vida muito prejudicial ao meio ambiente.	61
Figura 11- Distribuição das mulheres segundo a frequência com que consideram seu modo de vida parcialmente prejudicial ao meio ambiente.	62
Figura 12- Distribuição dos homens segundo a frequência com que consideram seu modo de vida parcialmente prejudicial ao meio ambiente.	62
Figura 13- Lagoa formada entre as dunas no inverno - Comunidade Apiques.	67
Figura 14- Coqueirais e lagoa no quintal de uma casa na comunidade Apiques.	68
Figura 15- Praia de Apiques.	69
Figura 16- Imagem do solo após queimada dos resíduos sólidos.	71
Figura 17- Índice e subíndices de Percepção Ambiental de mulheres e homens adultos da comunidade Apiques.	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição relativa de homens e mulheres segundo a percepção sobre problemas ambientais na comunidade Apiques (%).	54
Tabela 2- Atividades que causam maior dano ao meio ambiente na opinião de mulheres e homens da comunidade de Apiques.	55
Tabela 3- Classificação da qualidade de vida na comunidade Apiques, na opinião de homens e mulheres.	65

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivos	14
2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL	15
2.1 Uma breve contextualização	15
2.2 Percepção ambiental: um diálogo sobre suas conceituações.....	16
2.3 Gênero e Meio Ambiente	21
2.3.1 Gênero: surgimento e conceituações	21
2.3.2 Gênero, Meio Ambiente e suas Relações	24
2.3.3 Visões Dualísticas: um debate essencial para o diálogo entre Gênero e Meio Ambiente.....	27
3 PERCURSO METODOLÓGICO	30
3.1 Área de Estudo	30
3.2 Origem dos dados e definição do tamanho da amostra	31
3.3 Métodos de Análise.....	33
3.3.1 Construção do Índice de Percepção Ambiental.....	33
3.3.2 Testes de Hipóteses para comparação de dois grupos.....	41
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	42
4.1 Perfil sócio-econômico de mulheres e homens da comunidade Apiques.....	42
4.2 Percepção Ambiental: um Enfoque de Gênero	45
4.2.1 Hábitos e costumes de mulheres e homens da comunidade Apiques e o Meio Ambiente	45
4.2.2 Visão ambiental dos homens e mulheres adultos da comunidade Apiques	51
4.2.3 Preocupação com o Meio Ambiente	58
4.2.4 Nível de satisfação dos homens e mulheres adultos da comunidade Apiques em relação às condições de vida	64
4.3 O ÍNDICE DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	73
4.4 Percepção Ambiental e História: a Visão dos Idosos.....	74

4.4.1 A História do Meio Ambiente na Comunidade Apiques.....	76
4.5 CRENÇAS E LENDAS: UMA PERCEPÇÃO LÚDICA.....	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	90
APÊNDICE A	95
APÊNDICE B	101

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero e meio ambiente sugerem haver uma forte relação entre as mulheres e as questões ambientais. Algumas vezes essa relação é apontada como característica inata ao gênero feminino e outras como uma construção social. Estudos chegam a afirmar que as mulheres são mais preocupadas com os problemas ambientais e mais envolvidas nas lutas ecológicas que aos homens (SILVA, 2007, p. 134).

Considerando a abordagem de gênero, escolheu-se o estudo da percepção ambiental para problematizar a forma como mulheres e homens vêem o meio ambiente. Assim, o diálogo entre percepção ambiental, gênero e meio ambiente configura-se como eixo central dessa análise. A percepção ambiental foi escolhida para essa discussão porque é capaz de revelar julgamentos, expectativas e condutas (VASCO ZAKRZEVSKI, 2010, p. 18), favorecendo a identificação de semelhanças e diferenças nas percepções, bem como, identificação do nível de consciência ambiental.

Além disso, a análise da percepção ambiental pode contribuir para a construção de políticas voltadas para a melhoria da qualidade de vida nas comunidades pesquisadas, pois segundo Palma (2005, p. 10) a identificação da percepção ambiental de uma determinada população pode revelar suas necessidades. O enfoque de gênero, por sua vez, permite uma maior visibilidade do pensamento feminino sobre o meio ambiente, assim como, das especificidades de mulheres e homens. Dessa forma, pode fornecer subsídios para construção de políticas ambientais e de desenvolvimento mais equitativas como concordam Mourão (2007, p. 507) e Pacheco et. al (2009, p.1-3) apontando para essa necessidade.

De acordo com reportagem publicada pelo jornal O POVO em dezembro de 2008, o número de municípios cearenses que sofrem com problemas ambientais de grande proporção cresceu bastante. A situação é ainda mais alarmante no meio rural. A Pesquisa de Informações Municipais realizada pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) em 2008 revelou a presença de problemas ambientais impactantes (desmatamento, queimadas, práticas agrícolas inadequadas e assoreamento dos rios) em 177 dos 184 municípios cearenses. Uma comparação entre os anos 2002 e 2008 aponta que em 2002 46% dos municípios eram acometidos por problemas ambientais de ampla dimensão e em 2008 essa porcentagem saltou para 96%.

Além dos problemas identificados pelo IBGE, o meio rural cearense enfrenta sérios problemas, causados pelo uso excessivo de agrotóxicos. Rigotto¹ (2011, p.1-2) critica o modelo de agricultura dominante no país. De acordo com a pesquisadora o agronegócio deixará uma “herança maldita” (doenças, terras degradadas e ameaça à biodiversidade) gerada pelos agrotóxicos. As áreas que o rio Jaguaribe corta são locais de uso intenso de agrotóxicos, o que pode gerar a disseminação de problemas ambientais e de saúde da população que é abastecida pelo referido rio.

No que se refere aos problemas ambientais vivenciados nos assentamentos rurais cearenses identificam-se questões relacionadas ao clima do semi-árido², como também, problemas decorrentes de práticas de produção não sustentáveis. Dentre os problemas inerentes ao clima do semi-árido estão: a propensão à desertificação e à escassez de água (RODRIGUES, 2006, p. 1, 61). Entre as práticas produtivas não sustentáveis, encontram-se as queimadas e o corte de madeira. Além dos problemas relacionados ao clima e às práticas insustentáveis existem falhas na infraestrutura dos assentamentos, especialmente falta de saneamento básico, responsáveis por causar impactos ambientais e sociais (HOLANDA, 2010, p.15; PARENTE et. al, 2010, p.16).

Acredita-se que o estudo da percepção ambiental de mulheres e homens pode contribuir para redução dos problemas ambientais acima citados. Como já mencionado, o conhecimento da percepção ambiental dos indivíduos configura-se como um importante norteador de políticas públicas de desenvolvimento e preservação ambiental, segundo YI- FU (1974, p.4), a compreensão da percepção favorece o entendimento das atitudes humanas com relação ao meio ambiente, já que as atitudes são formadas por longa sucessão de percepções. Quanto ao diálogo entre gênero e percepção ambiental, espera-se que o entendimento da percepção de ambos os sexos possa contribuir para inclusão das visões e aspirações femininas e masculinas nas referidas políticas.

Diante do exposto o presente estudo analisa a percepção ambiental dos moradores da comunidade Apiques, situada no Assentamento Maceió, Município de Itapipoca- CE. Busca-se analisar a percepção ambiental com ênfase nas relações entre os gêneros masculino e feminino. O interesse em trabalhar com a temática deve-se a trajetória acadêmica da autora, marcada pelo estudo das relações de gênero e ao instigante desejo de problematizar a

¹ Entrevista publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo- RS e socializada pelo portal Ecodebate da Revista Cidadania e Meio Ambiente no dia 25 de fevereiro de 2011.

² Grande parte do Ceará encontra-se no semi-árido, totalizando 86,8% de seu território (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE, 2010).

discussão entre gênero e meio ambiente, muito freqüente nos movimentos feministas e ambientalistas, bem como, em alguns setores da academia.

1.1 Objetivos

Objetivo Geral

Analisar a percepção ambiental de mulheres e homens residentes na comunidade Apiques, localizada no Assentamento Maceió\ Município de Itapipoca, Ceará.

Objetivos Específicos

- a) Resgatar a história da comunidade com ênfase nas transformações ambientais verificadas no local ao longo dos anos de Assentamento;
- b) Analisar como mulheres e homens percebem o meio ambiente e o seu papel como agentes responsáveis pelos danos ambientais;
- c) Verificar a existência de aproximações e diferenças entre a percepção ambiental de mulheres e homens;
- d) Identificar os fatores que influenciam a percepção ambiental de homens e mulheres.

2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

2.1 Uma breve contextualização

Os estudos sobre percepção tiveram seu marco em 1973, quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou, em Paris, o Painel de Especialistas sobre o Projeto 13: percepção da qualidade ambiental\ relatório final da série de relatórios do Programa Sobre o Homem e a Biosfera (MAB)³. Neste documento a percepção ambiental é apontada como dimensão importante para a proteção dos ambientes naturais. Esse projeto analisou o significado dos estudos sobre a percepção da qualidade ambiental e o conceito de percepção da qualidade ambiental; as proposições de diretrizes metodológicas e abordagens; e os estudos dirigidos a áreas e\ou situações específicas, como por exemplo: riscos ambientais, áreas ecológicas periféricas e parques nacionais (GUIMARÃES, 2005, p.12).

O referido programa publicou em 1977 o documento Percepção do Ambiente I: orientações metodológicas para estudos de campo⁴, de autoria de Anne V. White. Esse documento foi uma das principais referências para o desenvolvimento e avanço dos estudos de percepção ambiental. Reafirmou a interdependência entre o ser humano e a biosfera, considerando que toda decisão e ação humana sobre o ambiente, estão fundamentadas não somente em elementos objetivos, mas também em elementos subjetivos (GUIMARÃES, 2009, p. 2).

As pesquisas sobre percepção ambiental seguem diferentes correntes teóricas que procuram explicar a origem das percepções sobre o espaço vivido. Dentre essas correntes estão: empirista, intelectualista e fenomenológica. Para os empiristas, a sensação e a percepção são resultantes de estímulos externos que atuam sobre os sentidos e o sistema nervoso, provocando sensações que dão origem às percepções. A corrente intelectualista acredita que as percepções dependem do sujeito do conhecimento, sendo o exterior um estímulo a mais para as sensações. O sentimento e a percepção dependem da capacidade do sujeito para decompor um objeto em suas qualidades simples e recompor o objeto em sua integridade, organizando e interpretando. A abordagem fenomenológica considera a intencionalidade da consciência humana, volta-se para a descrição, análise e interpretação dos

³ Programme on Man and the Biosphere (MAB)

⁴ Título original do documento: La Perception de l' Environnement: lignes directrices méthodologiques pour les études sur le terrain.

fatos que acontecem, propondo a não separação de sujeito e objeto. Nesta perspectiva, o indivíduo interpreta e apóia suas ações a partir das experiências vividas e do conhecimento (CHAUÍ, 2000, p. 151-153; VASCO E ZAKRZEVSKI, 2010, p. 18).

Segundo Chauí (2000, p.151-152), a tradição filosófica até o século XX distinguia sensação de percepção pelo grau de complexidade. Durante esse período, destacavam-se as correntes empiristas e intelectualistas. A partir do século XX a filosofia alterou bastante essas tradições, as mudanças foram trazidas pela fenomenologia de Husserl e pela psicologia da forma ou teoria de Gestalt⁵. Ambas as concepções trouxeram discordâncias entre as idéias empiristas e intelectualistas. Tanto a fenomenologia quanto a psicologia da forma, afirmaram:

Contra o empirismo, que a sensação não é um reflexo pontual ou uma resposta físico-fisiológica a um estímulo externo também pontual; contra o intelectualismo, que a percepção não é uma atividade sintética feita pelo pensamento sobre as sensações; contra empirismo e intelectualismo, que não há diferença entre sensação e percepção (CHAUÍ, 2000, p. 152).

O presente trabalho considera a importância de todas essas abordagens, visto que estão interligadas e são essenciais para compreensão da relação entre ser humano e meio ambiente.

2.2 Percepção ambiental: um diálogo sobre suas conceituações

Os conceitos de percepção ambiental são diversos e permeiam as dimensões psicológicas, sensoriais e culturais. No entanto, antes de adentrar nessa discussão é importante conhecer o significado de percepção.

Segundo Chauí (2000, p. 151), não se distingue percepção de sensação, visto que só temos sensações na forma de percepções, pois as percepções são sínteses de sensações. A autora traz diversas conceituações acerca da percepção, dentre elas destaca-se: o conceito que aborda a história pessoal e o que aborda a vida social. O primeiro conceito traz a percepção como aspecto envolvido pela história pessoal, afetividade, desejos e paixões, ou seja, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo. O segundo, traz a vida social como um dos aspectos que envolvem a percepção. Neste, os significados e os valores das coisas percebidas são influenciados pela sociedade em que o indivíduo está inserido.

De acordo com a UNESCO, a percepção não depende apenas do enquadramento cultural, mas também do papel funcional dos ambientes e da orientação do observador. Dessa

⁵ Gestalt é uma palavra alemã que significa forma, figura estruturada, configuração.

forma, entende-se que a percepção é influenciada pela cultura, pelos valores dos indivíduos e pela função que o objeto ou o ambiente percebido possui na vida de quem percebe (1973, p. 11).

Para Quaranta et.al (2007, p.4), as percepções e os valores são respostas dos seres humanos ao seu ambiente físico que permitem não só a compreensão do ambiente, como também, de si mesmos. O autor afirma que as percepções e as experiências podem fazer parte da formação de posturas culturais e de atitudes.

As percepções e os valores, respostas dos seres humanos a seu ambiente físico, permite-lhes, também, compreender a si mesmos. Uma longa série de percepções, experiências, leva a formação de posturas culturais, de atitudes. Estas, contextualizadas, estruturadas, levam a uma interpretação e representação, a uma visão do mundo (QUARANTA et al, 2007, p.04).

Em seu sentido mais simples, percepção significa o ato de perceber. Este ato, por sua vez, define-se como adquirir conhecimentos por meio dos sentidos ou como compreensão (FERREIRA, 2008, p. 1607). Em uma abordagem mais filosófica entende-se percepção como uma atividade intelectual que torna consciente uma impressão ou uma idéia (SCHÖPKE, 2010, p.189).

No que diz respeito à percepção ambiental, busca-se diversas conceituações com o objetivo de compreender a complexidade da temática. Yi-Fu (1974) faz uma interessante relação entre percepção e atitude. A percepção é definida como uma resposta sensorial aos estímulos externos, no entanto, essa resposta depende não só dos órgãos do sentido, mas também do interesse do ser humano e das satisfações que deseja obter, sendo estas enraizadas na cultura. A atitude é um costume cultural, formada por longas sequências de percepções. “As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor (YI-FU, 1974, p. 4).”

Estabelecendo um diálogo entre Yi-Fu (Ibid) e Quaranta et al (2007) percebe-se que os autores trazem em comum o conhecimento de si como importante aspecto apontado pelas percepções. O ser humano precisa compreender a si mesmo para que possa construir soluções duradouras para os problemas ambientais, pois segundo Yi-Fu, estes são problemas humanos. “E os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos (YI-FU, 1974, p.1).” O autor aponta como parte dessa compreensão o estudo da percepção, das atitudes e dos valores.

Quanto à influência do interesse humano sobre o objeto ou meio observado, Palma (2005) concorda com Yi- Fu quando afirma:

Entende-se por percepção a interação do indivíduo com seu meio. Esse envolvimento dá-se através dos órgãos do sentido. Para que possamos realmente PERCEBER, é necessário que tenhamos algum interesse no objeto de percepção e esse interesse é baseado nos conhecimentos, na cultura, na ética, e na postura de cada um, fazendo com que cada pessoa tenha uma percepção diferenciada para o mesmo objeto (PALMA, 2005, p. 16).

A singularidade da percepção ambiental apontada por Palma pode ser explicada também pela presença da subjetividade na construção das percepções. Segundo Okamoto (2002), “a realidade não é percebida tão-somente pela objetividade das características exteriores, mas, também, pela subjetividade (p. 99).” Dessa forma, as emoções e os sentimentos atuam na interpretação da realidade, sendo estes inerentes a cada pessoa o que gera múltiplas percepções.

Para Addison (2003), a percepção do meio urbano varia de acordo com o contexto em que as pessoas estão inseridas. Dessa forma, diferencia-se de acordo com idade, sexo, educação, cultura, erudição, classe social, economia, política, religião, individualidade, preferências, atitudes, valores e atribuições do meio ambiente. A autora afirma que a percepção do mundo é feita por meio dos sentidos. “O mundo percebido pelos olhos é puramente uma relação com o objeto” (p.39).

De acordo com a UNESCO (1973, p.9), percepção ambiental é a forma pela qual os sentidos do ser humano compreendem o meio ambiente. É influenciada, principalmente, por fatores sociais e culturais. Trata-se de uma consideração do nível de conhecimento e sua organização, os valores que são colocados no meio ambiente, as preferências do ser humano e a maneira em que as escolhas são exercidas e os conflitos resolvidos.

A interferência do nível de conhecimento sobre a percepção ambiental apontada pela UNESCO também é considerada um importante aspecto por Okamoto (2002, p. 66). Conforme o autor, aqueles que possuem maior escolaridade têm mais possibilidades de reconhecer e ler o contexto perceptivo, social e cultural. Neste sentido, o nível de conhecimento não é determinante da percepção ambiental dos indivíduos, mas sim um importante influenciador.

Segundo Trigueiro (2003) citado por Freitas e Ribeiro (2007, p.5), a percepção ambiental é uma tomada de consciência do ambiente pelo ser humano. Essa tomada de consciência implica em perceber o ambiente em que se está inserido, aprendendo a protegê-lo.

Para Guimarães (2007), a percepção ambiental pelas camadas populares da sociedade se dá pela vivência imediata dos diversos problemas ambientais, e estes se atrelam à miséria produzida pelo modelo de sociedade vigente. Assim como Guimarães, Santos

(2010) inclui a experiência vivida como parte constituinte da percepção, no entanto, acrescenta: a cultura, a história, o tempo e o espaço geográfico de cada pessoa.

Okamoto (2002, p.61-62) traz algumas considerações similares as já citadas, porém, inclui a discussão sobre os filtros que selecionam os estímulos e os condicionantes que restringem ou direcionam o interesse. Segundo o autor, os estímulos fazem parte da construção das percepções, pois o ser humano recebe estímulos (energias radiantes, vibratórias, químicas, térmicas, mecânicas) que são processados, passando por filtros e condicionantes dando origem às percepções.

Dentre os condicionantes estão: paradigma, a lateralidade cerebral e a modalidade de inteligência. Como filtros o autor cita: sensoriais, fisiológicos e culturais (OKAMOTO, 2002, p. 67-97). “As informações que conseguem ultrapassar esses filtros são as percepções e os objetos do pensamento (OKAMOTO, Ibid, p.63).”

O filtro de caráter sensorial varia de acordo com as aptidões, mais ou menos desenvolvidas, assim como, com a suficiência ou deficiência dos sentidos. Como exemplo de deficiência dos sentidos pode-se citar um fumante que têm as capacidades olfativas e do paladar reduzidas. Como filtro fisiológico pode ser citada a faixa etária, pois cada faixa etária interpreta a realidade de forma distinta. No que se refere ao filtro cultural, a visão que as pessoas possuem acerca da realidade difere conforme a formação cultural (costumes, crenças, etc) (OKAMOTO, 2002, p. 64-66).

Quanto à interferência do paradigma, o autor acima citado afirma que os seres humanos vivem conforme os conceitos presentes nos paradigmas em que acreditam, e estes diferem de acordo com a sociedade e o momento histórico. O paradigma é um modelo, um conjunto de idéias que norteiam uma determinada sociedade, um continente ou a ciência. Como exemplo de paradigma pode ser citada a visão mecanicista-cartesiano que predominou no Ocidente desde meados do século XVII até a década de 1980 e que ainda se mostra presente na atualidade, apesar das permanentes críticas ao reducionismo (SCHÖPKE, 2010, p. 185; OKAMOTO 2002, p.72-80).

A maneira como as pessoas percebem o meio ambiente é influenciada também pela lateralidade cerebral. O lado esquerdo do cérebro é responsável pelo pensamento linear, sequencial, racional, dedutivo, verbal e temporal. Esse lado não visualiza o todo, mas sim as partes. Em oposição, o lado direito é atemporal, não-verbal, intuitivo, emotivo-sensitivo, espacial e holístico. Para que o ser humano possa ter uma visão holística da realidade, percebendo-a em todos os seus aspectos é importante que os dois hemisférios do cérebro sejam desenvolvidos em harmonia (OKAMOTO, 2002, p. 89-95). O autor afirma ainda, que a

educação tradicional, baseada na memorização e na fragmentação do conhecimento, presente em grande parte das escolas ocidentais, favorece mais o desenvolvimento do lado esquerdo do cérebro do que do lado direito, o que pode prejudicar a percepção da realidade.

Quanto ao paradigma mecanicista e ao modelo de educação ocidental Capra afirma:

[...] a excessiva ênfase dada ao método cartesiano levou à fragmentação característica do nosso pensamento em geral e das nossas disciplinas acadêmicas, e levou à atitude generalizada de reducionismo na ciência, à crença de que todos os aspectos dos fenômenos complexos podem ser compreendidos se reduzidos às suas partes constituintes (CAPRA, 1982, p.45).

A modalidade de inteligência é apontada como um condicionante sensorial da percepção ambiental. Okamoto (2002, p.96) traz três modalidades de inteligências: a contextual, a experimental e a relacional. A contextual está presente em pessoas muito adaptáveis, que moldam seletivamente o ambiente. São pessoas sociáveis e adaptáveis ao meio social. A experimental é característica de indivíduos que possuem mais afinidade com novos conhecimentos do que com antigos, possuem uma visão geral e agem de acordo com ela. A inteligência relacional é aquela em que os indivíduos valorizam a aquisição de conhecimento, o desempenho e o planejamento. Segundo o autor, essas inteligências formam uma leitura parcial da realidade, de acordo com a modalidade de inteligência do indivíduo.

A partir dos conceitos acima citados, bem como, das considerações trazidas por Fernandes e Filho (2010, p. 44), entende-se que estudar a percepção ambiental significa adentrar na relação entre o sujeito e o ambiente em que habita. Significa entender a forma como o sujeito percebe o meio, se percebe nesse meio, individual e coletivamente. Fernandes e Filho (Ibid, p.44) apontam os estudos sobre percepção ambiental como sendo, de forma geral, interdisciplinares, já que possuem o objetivo de analisar e especificar a relação com o meio, valorizando a experiência do sujeito em diversos aspectos.

Diante do contexto apresentado, entende-se que a percepção ambiental dos indivíduos é construída a partir de elementos biológicos (órgãos do sentido), culturais (costumes, valores sociais) e subjetivos (sentimentos e emoções).

Articulando as definições de percepção ambiental com a categoria de gênero, observam-se diversas conexões. A construção social de mulheres e homens está diretamente relacionada com a forma como os mesmos percebem o meio ambiente. Segundo Di Ciommo (2003, p.436) a consciência é construída a partir das experiências e das oportunidades pessoais, gerando a percepção de si mesmo, a autonomia, a liberdade e, no contexto ambiental, a percepção ambiental. Os papéis sociais desempenhados por cada sexo

influenciam seus valores, preferências e atitudes, sendo estes, componentes presentes na percepção dos indivíduos. A partir das conexões identificadas entre percepção ambiental e a construção social de homens e mulheres, considera-se o conceito de gênero um importante norteador dessa análise.

2.3 Gênero e Meio Ambiente

2.3.1 Gênero: surgimento e conceituações

O conceito de gênero surgiu em meio aos estudos sobre a mulher e trata-se de um termo polissêmico que tem sido utilizado por diversas abordagens, dentre elas: a sociologia, a história, a educação e a antropologia. Em alguns momentos é reivindicado o uso da categoria “mulher” ao invés de gênero, como por exemplo, na designação da violência, pois o termo violência contra a mulher denuncia mais fortemente a opressão feminina do que o termo violência de gênero. No entanto, o presente trabalho não visa adentrar no embate teórico entre a utilização do termo gênero e do termo mulher. Independente desse embate, busca-se dialogar com a categoria gênero, considerando-a um importante elemento para a análise da percepção ambiental de mulheres e homens.

Segundo Saffioti (1999, p.157), o conceito de gênero surgiu em 1968 a partir de uma publicação de Stoller (Livro “Sex and Gender”), expandindo-se em 1975 por meio do artigo de Gayle Rubin, intitulado “The Traffic in Women”. No entanto, Saffioti salienta que mesmo sem utilizar a palavra “gênero” e sem sistematizar o conceito, Beauvoir trouxe em seu livro *O Segundo Sexo*, publicado na década de 1940, idéias que mais tarde seriam sistematizadas na forma de conceito.

A autora afirma que quando Beauvoir escreve “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, está divulgando a primeira manifestação do conceito de gênero. De acordo com Saffioti (Ibid, p.161) a frase de Beauvoir torna explícito que o feminino não é determinado pela biologia ou pela anatomia, mas sim construído pela sociedade.

É importante ressaltar que a emergência do conceito de gênero está fortemente ligada a uma dimensão política, visto que se fortalece a partir do movimento feminista. Carloto afirma:

[...] a emergência do conceito e sua utilização está fortemente impregnada de uma dimensão política, tanto no que diz respeito a suas origens, como quanto aos seus propósitos. Ele ganha força a partir do movimento feminista, cujas principais propostas estão voltadas às mudanças nas relações de poder tanto no âmbito público

como no privado, procurando abolir qualquer forma de dominação-exploração no conjunto das relações sociais (2001, p. 211).

Sobre o papel do feminismo na construção do conceito de gênero Mariano (2009) abordando as idéias de Nancy Fraser, afirma que os estudos feministas tiveram importante contribuição nas explicações sobre os papéis de gênero, bem como, sobre as conceituações do termo gênero.

Esse sistema de gênero decorre da sociedade patriarcal ainda vigente na atualidade. Mariano (2009) traz a relação entre a socialização das mulheres e dos homens e o sistema patriarcal. Para tal discussão a autora baseia-se nos conceitos de (MILLET, 1969), apontando o patriarcado como um sistema que enxerga os homens como ativos e potentes e as mulheres como subordinadas e passivas.

Vale ressaltar que embora o conceito de gênero possua essa dimensão política e tenha surgido enquanto instrumento de análise das condições das mulheres não deve ser utilizado como sinônimo de mulher. Sua utilização deve ser para descrever a construção social das categorias mulher e homem, como para examinar as relações estabelecidas entre os mesmos (CARLOTO, 2001, p.211).

De acordo com Scott (1995, p.75), o termo gênero não é apenas um substituto para o termo mulheres, para a autora sugere que toda informação sobre as mulheres remete a informações sobre os homens, pois o estudo de um implica o estudo do outro.

A palavra gênero é empregada para se referir à organização social das relações entre os sexos. Na gramática, gênero é um sistema de designação do que é masculino e feminino. No seu significado mais recente, gênero parece ter surgido primeiramente entre as feministas americanas, na busca do rompimento com o determinismo biológico implícito nos termos “sexo” e “diferença sexual”. A utilização do gênero como uma categoria de análise das relações sociais buscou introduzir uma noção relacional nos estudos acadêmicos sobre as mulheres. De acordo com essa perspectiva, os estudos voltados para as mulheres não são suficientes para o entendimento da opressão feminina e nem para o rompimento da ordem social estabelecida, sendo necessária a compreensão das relações existentes entre mulheres e homens (SCOTT, 1995, p.72). Scott traz uma perspectiva histórica do significado de gênero.

Aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história. Nem os professores de Oxford nem a Academia francesa têm sido plenamente capazes de repensar, de aprisionar e fixar o significado, de uma forma que seja independente do jogo da invenção e da imaginação humanas (SCOTT, 1995, p. 71).

Scott afirma ainda, que gênero é uma forma de se referir às origens unicamente sociais das identidades subjetivas de mulheres e homens. Sendo assim, gênero é uma imposição social sobre um corpo sexuado. A partir do sexo a sociedade impõe um conjunto de normas e papéis ao corpo dos indivíduos.

O termo gênero é compreendido como uma relação estabelecida entre feminilidades e masculinidades, construída socialmente e determinante de papéis sociais, funções e relações entre os sexos (TAVARES, 2010, p.52). Dessa forma, o conceito de gênero aponta para a possibilidade de desconstrução das relações e papéis sociais estabelecidos, visto que não são características biológicas, mas sim construídas socialmente.

Para Santos e Buarque (2006), gênero é um conceito útil para entender a sociedade em que vivemos, permite a compreensão das desigualdades econômicas, políticas e sociais presentes entre mulheres e homens. O conceito possibilita ainda, entender que essas desigualdades não são decorrentes somente das diferenças biológicas entre os sexos, mas também das construções sociais, bem como, das relações entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza, presentes no desenvolvimento das sociedades. “Gênero é portanto, o conjunto de atributos construídos pela cultura para designar os papéis que devem desempenhar homens e mulheres em cada sociedade (SANTOS e BUARQUE, 2003, p.25).”

Segundo Colling (2004, p. 29), gênero é proveniente de uma engenharia social e política, pois ser mulher ou homem é uma construção simbólica que faz parte do regime de discursos que configuram o sujeito. A partir da utilização da categoria gênero é possível criticar estereótipos universais e valores tidos como essencialmente femininos ou masculinos.

Para Rosaldo (1995, p.17), gênero não é determinado pelas mesmas preocupações em todas as sociedades, dessa forma não é um fato unitário, mas sim um complexo produto formado por uma variedade de forças sociais. A autora busca romper com modelos universais, ao afirmar que as perspectivas universais são distantes da realidade e dificultam a compreensão dos sujeitos em circunstâncias históricas concretas.

Louro (1995, p.103), assim como Rosaldo e Scott, traz a dimensão histórica da categoria gênero, no entanto, acrescenta a imersão dessa categoria nas instituições sociais, dando ênfase na educação. A autora visualiza no conceito de gênero uma ferramenta teórica importante para os estudos das ciências sociais, destacando sua importância para os estudos da história e da história da educação.

(...) gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas

essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos (LOURO, 1995, p. 103).

A partir das autoras acima citadas, entende-se que o conceito de gênero trouxe como principal contribuição para a dissolução das disparidades entre mulheres e homens a idéia de construção social, pois a partir de então, surge a possibilidade de desconstrução das imagens naturalizadas do que é ser mulher e ser homem. Sendo assim, tudo aquilo que não é natural, mas sim construído em um contexto social é possível de ser transformado.

O conceito de gênero vem sendo debatido junto às questões ambientais, isso se deve a forte presença das mulheres nas lutas ecológicas, bem como, as reivindicações dos movimentos feministas. Esse debate incorpora a discussão acerca da equidade de gênero nas decisões sobre gestão ambiental, justiça ambiental e políticas de desenvolvimento.

2.3.2 Gênero, Meio Ambiente e suas Relações

Antes de adentrar a discussão sobre gênero e meio ambiente, vale ressaltar que as relações estabelecidas entre essas duas categorias baseia-se na construção social das relações de gênero e de suas interações com as questões ambientais, dessa forma, não pretende-se adotar visões essencialistas.

As reflexões sobre gênero e meio ambiente foram impulsionadas pela Conferência Internacional das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, conhecida como ECO-92, ocorrida no Rio de Janeiro em 1992. Nesse contexto o movimento de mulheres incluiu na Agenda 21 a importância da participação das mulheres para um desenvolvimento sustentado e equitativo (BURITI e AGUIAR, 2009, p.152).

A ECO-92 foi realizada com a participação de legisladores, diplomatas, cientistas, mídia e representantes de organizações não-governamentais de 179 países. Como resultados da conferência encontram-se as 173 recomendações presentes na Agenda 21 (ARACI, 2005, P.12). Dentre os espaços de reflexão que ocorreram na ECO-92, destaca-se o Seminário “Gênero, Desenvolvimento e Meio Ambiente”. Neste, foram discutidos temas relevantes, voltados para as relações de gênero, impacto ambiental e desenvolvimento (LIMA, 1994).

De acordo com Castro e Abramovay (2005, p. 37), o cotidiano de mulheres e homens é afetado de forma diferente pelos modelos de desenvolvimento. As autoras afirmam que o padrão de desenvolvimento corrente não é sustentável, assim como não é igualitário. Para que um novo modelo de desenvolvimento seja construído é necessário contemplar as vozes femininas e masculinas. Dessa forma, chama-se atenção não só para a incorporação das

necessidades das mulheres nas políticas ambientais e de desenvolvimento, mas também, da utilização da perspectiva de gênero nas políticas sociais, tornando essas políticas mais justas e equitativas.

Um enfoque de gênero está centrado na vivência e na incorporação de ações de homens e de mulheres nas políticas e nos programas, para apontar diferenças e semelhanças e realizar propostas concretas de como garantir uma participação mais efetiva, quer na modelagem, quer nos frutos de um desenvolvimento que se deseja sustentável (CASTRO e ABRAMOVAY, 2005, p. 38).

A incorporação equitativa das vozes e ações de ambos os gêneros defendida por Castro e Abramovay nem sempre acontece. Um estudo realizado por Mourão (2007, p. 508-509) aponta para desigualdades no acesso às políticas públicas de crédito e assistência técnica no meio rural. O estudo foi realizado com agricultores e agricultoras associados ao Centro de Tecnologias Alternativas Tipiti, que atua no município de Abaetetuba, no estado do Pará. O Centro forma agricultores e agricultoras em práticas agroecológicas. Na área estudada, as mulheres detêm o conhecimento do processo produtivo na roça, atuam desde o preparo da área até o controle natural de insetos, no entanto, o domínio desse conhecimento não proporciona alterações nas relações de gênero. Mesmo com forte atuação na produção agrícola 100% das mulheres entrevistadas no estudo de Mourão afirmaram não ter acesso a assistência técnica.

Aguiar et al (2009, p.46), assim como Mourão (2007, p.509), apontam uma forte desvalorização dos conhecimentos das mulheres relativos às questões ambientais. As autoras afirmam que os pontos de vistas, sugestões e demandas das mulheres são negligenciados nos processos de desenvolvimento rural. Devido essas desigualdades os movimentos feministas vêm reivindicando a equidade de gênero nas discussões e decisões ambientais.

Há um número expressivo de autoras que estão discutindo a participação das mulheres em alternativas de preservação ambiental, bem como, em movimentos em defesa dos recursos naturais, dentre estas, ressalta-se Siliprandi (2009, p.36). A autora mostrou trajetórias importantes de lideranças femininas no movimento agroecológico brasileiro, elencou dificuldades institucionais e familiares que se colocam como entraves para a afirmação das mulheres como sujeitos de direitos na agricultura familiar. Segundo Siliprandi, a participação das mulheres no movimento agroecológico vem se dando através da articulação entre as lutas feministas e as lutas ambientais no meio rural.

Ainda na perspectiva de integração de mulheres e homens nas políticas ambientais, pode-se dialogar com Buriti e Aguiar (2009, p. 157). Os autores afirmam que a gestão dos recursos naturais não deve ser pensada apenas no sentido da preservação da

biodiversidade dos ecossistemas, deve ser pensada também sob o ponto de vista da participação nas decisões sociais, políticas e ambientais. Os autores ressaltam a importância da participação dos indígenas e das mulheres, pois de acordo com eles, esses grupos exercem papéis importantes para a construção de sociedades sustentadas, podem acrescentar saberes e habilidades resultantes de experiências na busca pela sobrevivência em situações de escassez dos recursos naturais. Nesse sentido, Buriti e Aguiar trazem o exemplo das mulheres que vivem em regiões semi-áridas e fazem um verdadeiro “malabarismo” para gerir a água.

Segundo Castro e Abramovay (2005, p.38), o enfoque de gênero no processo de desenvolvimento questiona o conceito de desenvolvimento sustentável, a finalidade e o conteúdo do desenvolvimento, alertando sobre a necessidade de políticas que contribuam para modificar as estruturas de desigualdade existentes, bem como, o uso sustentável do meio ambiente. Nessa perspectiva, as políticas devem ultrapassar as dicotomias reducionistas entre indivíduo e sociedade e entre sociedade e natureza.

As dicotomias resultantes da visão reducionista são responsáveis pelos dualismos cultura\natureza, espírito\corpo, razão\emoção, homem\mulher. Tais dicotomias não só eliminam as conexões existentes entre essas categorias como as hierarquizam, gerando uma visão fragmentada da realidade, bem como, uma relação de desigualdade e dominação (LIMA, 1994, p.66).

Como crítica a esse pensar fragmentado, Di Ciommo (2003, p. 424-425) faz uma articulação entre a teoria da complexidade, as relações de gênero e o meio ambiente. De acordo com a autora, a sociedade precisa aprender a aceitar os antagonismos, pois estes não são só opostos, mas também, complementares. Afirma ainda que as sociedades buscam apenas a harmonia não percebendo a importância da dissonância, da oposição e do antagonismo, sendo assim, reduzem e inibem a diversidade criada pelo seu próprio desenvolvimento. Nesse olhar, a diferença e a oposição não são vistos como um problema que deve ser eliminado, mas sim como diversidade necessária a existência do todo. Na concepção mecanicista, adepta do pensamento reducionista, a diferença tem sido vista como sinônimo de enfraquecimento ou superioridade. Baseada nas idéias de Morin, a autora coloca:

[...] a organização de um sistema é a organização da diferença, que estabelece relações complementares entre as partes diferentes e diversas, bem como entre as partes e o todo. Isso quer dizer que não existe todo, conjunto ou grupo que subsista sem diferenças, o que tem implicações para se pensar a diferença entre as mulheres e não somente a diferença em relação aos homens, isto é, a diferença tem de ser aceita em sua importância para a complementariedade entre as partes no todo que é o feminino e entre os gêneros masculino e feminino (DI CIOMMO, 2003, p. 428).

A leitura de Lima (1994, p.66-67) e Di Ciommo (2003, p.426) apontam o reducionismo como um dos responsáveis pela dominação dos homens sobre as mulheres, assim como, pela degradação da natureza. Na visão reducionista as mulheres e a natureza são colocadas como inferiores e passíveis de serem dominadas e violadas.

Para compreender a inserção da discussão de gênero nas lutas ecológicas, a aproximação das mulheres com as questões ambientais e a relação estabelecida entre homens e meio ambiente é importante adentrar as discussões historicamente construídas acerca da ligação feminina com a natureza e da ligação masculina com a cultura.

2.3.3 Visões Dualísticas: um debate essencial para o diálogo entre Gênero e Meio Ambiente.

A discussão sobre mulher e natureza, bem como, sobre homem e cultura é fundamental para compreensão dos debates acerca de gênero e meio ambiente, pois há uma construção social secular que faz identificação da mulher com a natureza e do homem com a cultura. Essa identificação é um dos aspectos que favorece a dominação das mulheres e contribui para o fortalecimento das idéias acerca da superioridade masculina, já que nas sociedades ocidentais a natureza é vista como inferior a cultura.

Para muitas feministas a exploração sem controle da natureza e o esgotamento dos recursos naturais decorrente, constituem um fenômeno característico da civilização industrial, com o qual a dependência e subordinação das mulheres está estreitamente relacionada. Como a natureza, a mulher também devia ser controlada, guiada, e até coagida para permitir o desenvolvimento do lado benéfico da sua personalidade e para refrear ou ainda suprimir (TOSI, 1994, p. 44- 45).

Não pretende-se aqui afirmar que a dominação das mulheres foi causada pela revolução industrial, mas sim intensificada pela mesma, pois segundo Tosi (1994, p. 42-43) a opressão feminina já estava presente em épocas anteriores á revolução. No entanto, com o advento da mesma, a dominação consolidou-se. As idéias acerca da inferioridade feminina já estavam presentes na antiguidade clássica. Os mecanismos ideológicos geram o aprofundamento dessa visão dominadora. Um desses mecanismos é a visão da biologia como destino. Nesta visão, a mulher é determinada pela sua sexualidade o que limita a sua capacidade cerebral. De acordo com esse pensamento o corpo feminino está sujeito ao útero, órgão visto como responsável por todas as imperfeições (LIMA, 1994, p. 67).

Bacon era um defensor da dominação feminina, acreditava que a natureza deveria ser dominada assim como as mulheres. “Bacon teria dito algo parecido: a natureza é mulher, e para conhecê-la é necessário atormentá-la (SOUZA, 2010, p. 17).

Os séculos XVI e XVII são denominados pelos historiadores como período da revolução científica. Nesse período houve um rompimento com o pensamento organicista sobre a natureza, pois antes da revolução científica a natureza era vista como um organismo, como a mãe natureza. Com rompimento dessa visão passa a ser compreendida de forma mecanicista, como uma máquina. Essa nova compreensão resultou tanto na exploração excessiva da natureza quanto no fortalecimento da opressão das mulheres (CAPRA, 1982, p.40-42).

Capra (Ibid) aponta Bacon como um dos principais pensadores desse período, sendo também, um dos responsáveis pela influência patriarcal no pensamento científico.

De fato, sua idéia da natureza como uma mulher cujos segredos têm que ser arrancados mediante tortura, com a ajuda de instrumentos mecânicos, sugere fortemente a tortura generalizada de mulheres nos julgamentos de bruxas do começo do século XVII. A obra de Bacon representa, pois, um notável exemplo da influência das atitudes patriarcais sobre o pensamento científico. O antigo conceito da Terra como mãe nutriente foi radicalmente transformado nos escritos de Bacon e desapareceu por completo quando a revolução científica tratou de substituir a concepção orgânica da natureza pela metáfora do mundo como máquina (CAPRA, 1982, p. 42).

A partir de então implanta-se uma visão fragmentada do mundo que penetrou em todas as áreas do conhecimento humano. Essas áreas passam a ser moldadas por categorias dualísticas, sendo estas: cultura x natureza, espírito x corpo, razão x emoção, homem x mulher (LIMA, 1994, p.66). Essas categorias não só são colocadas como opostas, mas também, são hierarquizadas, nessa hierarquia a cultura é superior à natureza, o espírito superior ao corpo, a razão superior à emoção e o homem superior à mulher. Nesse contexto, todos os aspectos considerados inferiores são historicamente identificados com as mulheres. Essas hierarquizações são apontadas por Di Ciommo:

O dualismo parece estar no centro das dificuldades que envolvem as tentativas de reverter os valores atribuídos ao feminino e à natureza. Dualismo é o processo pelo qual conceitos antagônicos foram construídos como opostos e excludentes e foram apropriados pelo julgamento moral da lógica da dominação (DI CIOMMO, 2003, p. 425)

Nesse sentido, a desvalorização feminina e valorização masculina nas sociedades ocidentais estão associadas à identificação simbólica das mulheres com a natureza e dos homens com a cultura. Essa identificação das mulheres com a natureza segue dois extremos: identidade com o atraso e salvacionismo. A identidade com o atraso faz parte de toda a discussão já apresentada em que a mulher assim como a natureza deve ser dominada. A identidade salvacionista reconhece o papel milenar que as mulheres desempenham como aliadas da natureza. Apesar da visão salvacionista reconhecer o papel feminino como

importante, pode contribuir para o fortalecimento da estratégia patriarcal de distanciar as mulheres da cultura (LIMA, 1994, p. 69-71).

A leitura de Di Ciommo (2003, p. 434) aponta um novo caminho a ser seguido, uma visão onde busca-se perceber o todo e suas conexões, na qual os opostos são complementares. Nesse ponto de vista a diferença é desejável e não hierarquizada. A autora discute as contribuições que a teoria da complexidade pode oferecer para a discussão entre gênero e meio ambiente. A análise da diferença sob o pensamento complexo considera que todo sistema é uno e múltiplo, também uno e diverso. “A sua diversidade é necessária à sua unidade e a sua unidade é necessária à sua diversidade (DI CIOMMO, 2003, p. 428).”

Como superação desse paradigma que reforça as disparidades entre mulheres e homens, Lima (1994, p. 81) aponta a necessidade de substituir a visão fragmentada da realidade pela visão holística. Essa visão seria a união do método analítico concebido essencialmente por Descartes com o método sintético de W. Dilthey. A visão holística deve ser marcada por conceitos como: totalidade, interconexão, sentido e unidade. Segundo a autora essa mudança de paradigma pode ser incorporada nas políticas de desenvolvimento e meio ambiente, já que as mesmas levam em seu bojo premissas presentes em arcabouços teóricos-metodológicos.

A partir dessa discussão reforça-se a importância da construção de um novo pensar sobre a realidade, um pensar que não seja gerador de exclusão, exploração e opressão. O pensamento analítico foi extremamente importante para evolução do conhecimento, no entanto, precisa ser complementado pelo método sintético. As visões dualísticas precisam ser superadas e substituídas por visões complementares, favorecendo a preservação da natureza e a equidade entre homens e mulheres, bem como, a aceitação da diversidade social. No momento em que cultura e natureza, homens e mulheres forem vistos com equivalente importância, serão buscadas ações realmente sustentáveis do ponto de vista ambiental e social.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Área de Estudo

O presente estudo foi realizado no Assentamento Maceió, Município de Itapipoca. O município de Itapipoca está localizado na mesorregião norte do estado do Ceará, distante 125 Km de Fortaleza. A cidade é conhecida por seus três climas: serra, sertão e praia. Itapipoca é constituída por vasta riqueza ecológica: praias, manguezais, dunas, coqueirais, lagos e lagoas litorâneas (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO E SUSTENTÁVEL DO ASSENTAMENTO MACEIÓ-PDA, 2000).

O Assentamento Maceió encontra-se a 200 km de Fortaleza, foi criado há 25 anos e está dividido em onze comunidades: Maceió, Apiques, Côrrego da Estrada, Coqueiro, Jacaré, Humaitá, Bode, Mateus, Côrrego Novo, Bom Jesus e Lagoinha. Possui grande diversidade natural, pois seu território se estende do litoral até a zona rural (CAJADO, 2009). Possui uma área de 5.844,7119 ha. (PDA, 2000), tem em torno de 1.000 famílias. A análise limitou-se à comunidade Apiques composta por 110 famílias, esta, foi escolhida para análise por se tratar de uma comunidade conhecida pela participação feminina nas discussões do assentamento e nos movimentos de mulheres, característica importante para análise de gênero. Além dessa característica, a comunidade demonstrou disponibilidade em participar da pesquisa.

Segundo o PDA (2000) a vegetação do Assentamento Maceió não é nativa devido à exploração contínua dos recursos naturais. A flora é constituída por caatinga hipoxerófila, formação vegetativa das dunas e vegetação aquática. A fauna é bastante diversificada com grande número de espécies terrestres, aéreas e aquáticas.

Apiques é a comunidade mais próxima da praia. Dessa forma, sua principal atividade econômica é a pesca. Além da pesca é visível a presença da agricultura e de trabalho assalariado. Nessa comunidade encontram-se regiões com ambientes diversificados. Cajado (2010) fez o zoneamento agroecológico da comunidade, dividindo-a em quatro zonas: zona 1 (região das dunas), zona 2 (região litorânea), zona 3 (região úmida) e zona 4 (zona de quintais produtivos). Seguem abaixo algumas dessas zonas.

Figura 1- Paisagens da comunidade Apiques: zona das dunas, região litorânea, região úmida e coqueirais (sentido anti-horário).



Fonte: Tiala Morais (2011).

A região das dunas está localizada ao redor da comunidade, estabelecendo sua delimitação. Nessa área não é realizada nenhuma atividade de exploração, tratando-se de uma região preservada. A zona 2, região litorânea, foi a primeira área a ser povoada, caracterizando-se pela prática da pesca, comercialização do pescado e extração de algas marinhas. A região úmida não é muito povoada. Nela observam-se lagoas perenes e grande número de coqueiros. Na zona 4 localiza-se o maior número de famílias. Nesta área o solo é mais fértil e encontram-se os quintais produtivos, como também plantações de milho, feijão, mandioca, coqueiro, cajueiro, bananeiras e horta (CAJADO, 2010).

3.2 Origem dos dados e definição do tamanho da amostra

Os dados analisados neste estudo são de origem primária, obtidos por meio de observação, questionários e entrevistas.

No que se refere à observação como técnica de coleta de dados, Lüdke e André (1986) afirmam que possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o objeto pesquisado, proporcionando a experiência direta, sendo esta, a melhor forma de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. Permite que o pesquisador se aproxime da perspectiva dos sujeitos.

Segundo Barros e Lehfeld (1990), o uso do questionário⁶ como instrumento de pesquisa torna possível obter dados de um grande número de pessoas. Goldenberg (1997) afirma que o questionário é um bom instrumento para caracterização, pois as frases padronizadas garantem maior uniformidade.

Quanto à realização de entrevistas⁷, acredita-se que as mesmas permitem tratar de temas complexos, pois se assemelham a uma conversa. Quando se tratam de entrevistas qualitativas as perguntas são pouco estruturadas (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2004). Com relação à entrevista semi-estruturada, Matos e Vieira (2001) afirmam que possibilita maior flexibilidade nas respostas, bem como, obtenção de falas, sendo estas, elementos que enriquecem a temática abordada. A partir das idéias acima citadas, escolheu-se a entrevista semi-estruturada como instrumento para facilitar a análise qualitativa e a construção da matriz histórica da comunidade.

Para obtenção dos dados foram realizadas visitas à comunidade Apiques. A primeira visita configurou-se como um momento para apresentação da pesquisadora, bem como, para identificar se a realização da pesquisa seria permitida pelos moradores. Em seguida foram realizadas visitas para aplicação do pré-teste do questionário, aplicação do questionário definitivo e para realização das entrevistas com os idosos. Vale ressaltar que os idosos foram escolhidos para realização das entrevistas porque possuem vivência suficiente para contribuir com a construção da matriz histórica da comunidade.

De um total de 110 famílias foi selecionada aleatoriamente uma amostra de 39 famílias para aplicação dos questionários, o que corresponde a 35,5% da população⁸. Em cada família foi entrevistado o casal, totalizando 39 homens e 39 mulheres. Para as entrevistas foram selecionados idosos que participaram da luta pela terra na comunidade, bem como, aqueles que possuem boa memória e que conseguem narrar fatos históricos marcantes para a comunidade. Foram entrevistados 6 idosos, sendo 3 homens e 3 mulheres.

⁶ Disponível no apêndice A.

⁷ Disponível no apêndice B.

⁸ Este número pode ser considerado suficiente para representar a população uma vez que esta se encontra bastante homogênea na comunidade. Nesta circunstância, unidades adicionais na amostra não trariam contribuições significativas aos dados coletados.

3.3 Métodos de Análise

Para análise dos dados foi dada uma abordagem qualitativa e quantitativa. Optou-se por utilizar abordagens diferentes, porque acredita-se que as mesmas são complementares e não opostas. Para tal afirmação, baseia-se nas idéias de Santos Filho (2001).

Os fenômenos físicos e humanos estão se mostrando mais complexos do que se imaginava. Do princípio da simplicidade e economia, está-se caminhando para a adoção dos princípios da complexidade, consistência, unidade dos contrários e triangulação na elaboração e comprovação das teorias (p.54).

Sendo assim, entende-se que a utilização da abordagem quantitativa e qualitativa permite um entendimento mais aprofundado acerca da percepção ambiental de mulheres e homens, pois favorece um maior aprofundamento dos fenômenos humanos. A complexidade da temática exige um olhar por diferentes ângulos (SANTOS FILHO, 2001).

A análise quantitativa ocorreu por meio do emprego dos seguintes procedimentos: construção do Índice de Percepção Ambiental e testes de hipóteses para comparação de dois grupos. Para análise qualitativa foram utilizadas as falas das mulheres e homens registradas durante a aplicação dos questionários e durante a realização das entrevistas com os idosos.

3.3.1 Construção do Índice de Percepção Ambiental

O Índice de Percepção Ambiental proposto na pesquisa tem por objetivo tornar possível a comparação entre homens e mulheres quanto à forma como vêem e se relacionam com o ambiente ao seu redor.

O Índice de Percepção Ambiental não tem a pretensão de mensurar a magnitude da percepção ambiental de cada indivíduo. A idéia é fazer uma hierarquização daqueles que apresentam menores pontuações até aqueles com maiores pontuações. Essa pontuação baseia-se na atribuição de escores à ocorrência de alguns hábitos/comportamentos, que segundo a literatura sobre o tema caracterizam, ou são resultado de uma percepção ambiental.

A operacionalização do Índice de Percepção Ambiental partiu da definição de indicadores, aos quais foram atribuídos escores, considerando-se a pior situação (escore zero) até a melhor situação (maior escore).

Para composição do Índice de Percepção Ambiental foram selecionadas as seguintes dimensões: hábitos e costumes sociais, visão ambiental e preocupação com o ambiente. Quanto à importância da construção de indicadores, Braga et. al (2004) afirmam

que existe a necessidade de construção de indicadores confiáveis que possam embasar estudos e tomadas de decisões políticas. Essa necessidade é apontada principalmente no que se refere às temáticas de desenvolvimento e meio ambiente.

Os indicadores de percepção ambiental selecionados foram agrupados em três subíndices, descritos a seguir.

Subíndice Hábitos e Costumes

Nesse subíndice busca-se analisar como são as atitudes de mulheres e homens para com o meio ambiente. Escolheu-se analisar essa dimensão, porque acredita-se que os hábitos e costumes são decorrentes da percepção ambiental dos indivíduos. Baseia-se nas idéias de Yi-Fu (1974), pois o autor afirma que as atitudes são formadas por extensas seqüências de percepções. Para compor essa dimensão foram selecionados os seguintes indicadores com seus respectivos escores.

1) No dia a dia considera que causa dano ao meio ambiente:

Nunca.....	3
Pouquíssimas vezes.....	2
Algumas vezes.....	1
Sempre.....	0

2) Destino dos resíduos sólidos no assentamento:

Sempre joga resíduos sólidos no chão.....	0
Pouquíssimas vezes não joga resíduos sólidos no chão.....	1
Algumas vezes não joga resíduos sólidos no chão.....	2
Nunca joga resíduos sólidos no chão.....	3

3) Destino dos resíduos sólidos na casa:

Realiza coleta seletiva sempre.....	3
Realiza coleta seletiva algumas vezes.....	2
Realiza coleta seletiva pouquíssimas vezes.....	1
Nunca realiza coleta seletiva.....	0

4) Uso da energia:

Sempre economiza energia.....	3
Algumas vezes economiza energia.....	2
Pouquíssimas vezes economiza energia.....	1

Nunca economiza energia.....	0
5) Uso da água:	
Sempre evita o desperdício de água.....	3
Algumas vezes evita o desperdício de água.....	2
Pouquíssimas vezes evita o desperdício de água.....	1
Nunca evita o desperdício de água.....	0
6) Uso de agroquímicos:	
Sempre evita o uso de agroquímicos.....	3
Algumas vezes evita o uso de agroquímicos.....	2
Pouquíssimas vezes evita o uso de agroquímicos.....	1
Nunca evita o uso de agroquímicos.....	0

Subíndice Visão Ambiental

Neste subíndice busca-se identificar a forma como mulheres e homens enxergam o meio ambiente, pois sabe-se que através dessa identificação encontram-se as percepções. De acordo com a literatura a visão de mundo é formada também por percepções. Para composição dessa dimensão buscou-se identificar a frequência com que os moradores procuram informações sobre o meio ambiente, pois acredita-se que essa frequência está relacionada com a forma como vêem o meio ambiente. Foi incorporada também, a visão sobre a responsabilidade ambiental, a preservação ambiental e os problemas ambientais.

1) Aquisição de informações sobre o meio ambiente.	
Sempre busca informações sobre o meio ambiente.....	3
Algumas vezes busca informações sobre o meio ambiente.....	2
Pouquíssimas vezes busca informações sobre o meio ambiente.....	1
Nunca busca informações sobre o meio ambiente.....	0
2) Responsabilidade pelo meio ambiente.	
2.1) Responsabilidade pelo meio ambiente deve ser atribuída ao governo:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
2.2) Responsabilidade pelo meio ambiente deve ser atribuída a todas as pessoas:	
Todas às vezes.....	3

Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
3) Visão sobre preservação ambiental.	
3.1 Para que haja preservação ambiental é necessário aplicar corretamente as leis:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
3.2 Para que haja preservação ambiental é necessário mudança de hábitos:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
3.3 Para que haja preservação ambiental é necessária educação ambiental nas escolas:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4) Visão sobre os problemas ambientais.	
4.1 O desmatamento é considerado um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.2 As queimadas são consideradas um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.3 A degradação do solo é considerada um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2

Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.4 A poluição da água é considerada um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.5 A falta de esgotamento sanitário é considerada um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.6 A pobreza é considerada um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.7 A violência é considerada um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.8 O excesso de consumo é considerado um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.9 O desperdício é considerado um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.10 O não cumprimento das regras é considerado um problema ambiental:	
Todas às vezes.....	3

Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.11 No assentamento têm problemas ambientais:	
Sim.....	1
Não.....	0
4.12 Os problemas ambientais da comunidade podem afetar a saúde da população:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.13 Os problemas ambientais mundiais afetam sua qualidade de vida:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
4.14 O meio em que vivem influencia as atitudes das pessoas na maneira como vêm o meio ambiente:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0

Subíndice Preocupação com o Meio Ambiente

Neste subíndice incorpora-se a frequência com que os indivíduos preocupam-se com as questões ambientais, englobando também, a importância dada ao meio ambiente e ao interesse pelo mesmo. Para seleção dos referidos indicadores baseia-se nos conceitos de Yi-Fu (1974) e Palma (2005). Estes, consideram que a percepção ambiental depende do interesse que se tem no objeto a ser percebido. Dessa forma, acredita-se que a importância desse objeto também influencia a percepção, pois geralmente os seres humanos se interessam por aquilo que acham importante.

1) O meio ambiente é importante:	
Sempre.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
2) Frequência da preocupação com os problemas ambientais:	
Sempre.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
3) O interesse pelas questões ambientais tem crescido nos últimos anos:	
Sim.....	1
Não.....	0
4) Avalia positivamente suas ações em relação às questões ambientais:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
5) Costuma participar de audiências públicas sobre a questão ambiental	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
6) Participa de eventos ou campanhas sobre o meio ambiente:	
Todas às vezes.....	3
Algumas vezes.....	2
Pouquíssimas vezes.....	1
Nunca.....	0
7) Estilo de vida muito prejudicial ao meio ambiente:	
Nunca.....	3
Pouquíssimas vezes.....	2
Algumas vezes.....	1
Todas às vezes.....	0

O cálculo do Índice de Percepção Ambiental foi realizado pela seguinte expressão:

$$IPA = \frac{1}{y} \sum_{w=1}^y I_w \quad (1)$$

O cálculo dos subíndices que compõem o Índice de Percepção Ambiental (IPA) foi feito a partir de metodologia proposta por Fernandes (1997 apud KHAN & SILVA, 2002), por meio da seguinte expressão:

$$I_w = \frac{1}{n} \sum_{j=1}^n \left(\frac{1}{m} \sum_{i=1}^m \frac{E_{ij}}{E_{\max i}} \right) \quad (2)$$

Sendo:

I_w = subíndice da dimensão w

w = dimensão hábitos e costumes sociais, dimensão visão ambiental e dimensão preocupação com o meio ambiente;

E_{ij} = escore do i -ésimo indicador, obtido pelo j -ésimo assentado;

$E_{\max i}$ = escore máximo da i -ésimo indicador;

$i = 1, 2, \dots, m$; m = total de indicadores na dimensão w ;

$j = 1, 2, \dots, n$; n = total de assentados entrevistados;

y = número de subíndices ou número de dimensões = 3.

Mais uma vez, é importante ressaltar que o Índice de Percepção Ambiental não visa mensurar a percepção ambiental de mulheres e homens, mas sim hierarquizá-los quanto a esta característica.

No que se refere à classificação do IPA, quanto mais próximo de 1 for o resultado dos cálculos maior propensão a preocupar-se com as questões ambientais. Não existe na literatura uma parametrização para índices dessa natureza. Desta forma, para tornar a análise mais objetiva optou-se por definir três classes de percepção:

Percepção ambiental baixa: $0,0 \leq IPA \leq 0,5$

Percepção ambiental média: $0,5 < IPA \leq 0,8$

Percepção ambiental alta: $0,8 < IPA \leq 1,0$

Os critérios adotados para essa classificação foram baseados em simulações de situações desejáveis quanto aos indicadores analisados. Ressalta-se, no entanto, a necessidade de validação em trabalhos posteriores.

Como já mencionado, os subíndices e Índice de Percepção Ambiental foram calculados para homens e mulheres, em seguida foram comparados os dois grupos.

3.3.2 Testes de Hipóteses para comparação de dois grupos

A necessidade de adotar procedimentos de estatística inferencial nesta pesquisa está relacionada ao fato dos dados analisados corresponderem a uma amostra, e não à população.

Assim, quaisquer inferências sobre a percepção ambiental de homens e mulheres só será estatisticamente significativa após a realização de testes de hipóteses. No caso de comparação de dois grupos independentes (homens e mulheres) o teste sugerido é o Teste “t” de Student para dados pareados cujas hipóteses são:

Hipótese nula $H_0 : \mu_h - \mu_m = 0$, não existe diferença entre homens e mulheres quanto ao Índice ou subíndice médio analisado.

Hipótese alternativa $H_a : \mu_h - \mu_m \neq 0$, existe diferença entre homens e mulheres quanto ao Índice ou subíndice médio analisado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

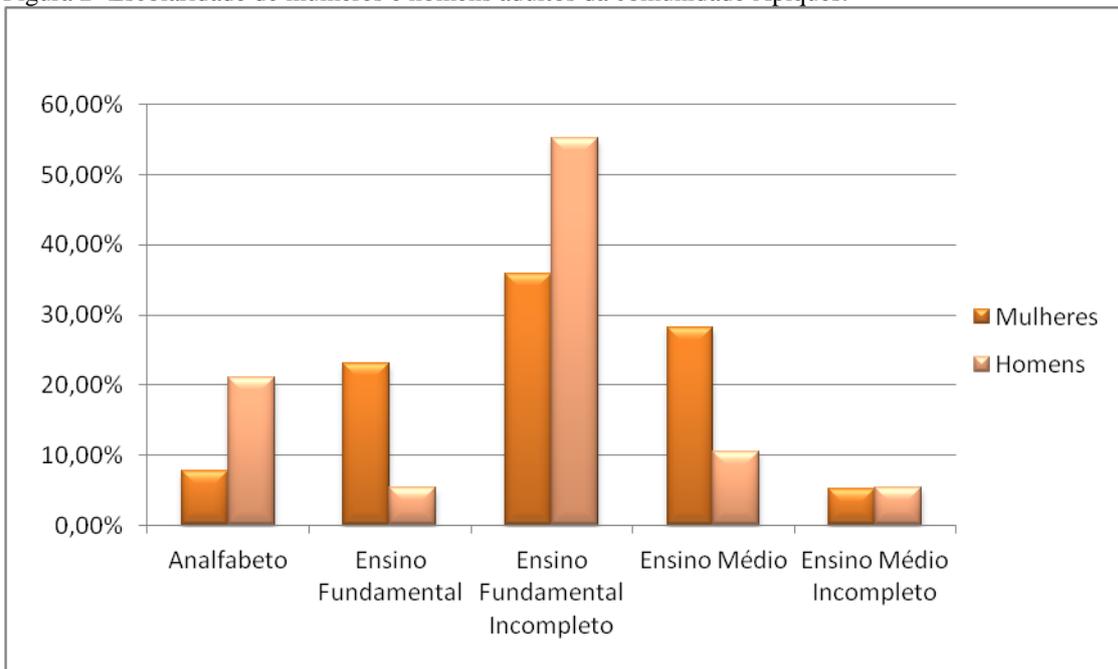
4.1 Perfil sócio-econômico de mulheres e homens da comunidade Apiques

Na perspectiva de gênero e baseando-se nos aspectos trazidos por Addison (2003) sobre percepção ambiental, entende-se que descrever homens e mulheres quanto as suas características econômicas e sociais auxilia no entendimento da forma como vêm o meio ambiente. Assim, nesta análise foram utilizadas as seguintes variáveis: idade, escolaridade, renda mensal e profissão.

Com relação à idade de mulheres e homens, percebeu-se que as mulheres são mais jovens, possuindo em média 41 anos, enquanto a idade média masculina é de 46 anos. Quanto à escolaridade, 7,7% das mulheres e 21,1% dos homens são analfabetos, 23,1% das mulheres e 5,3% dos homens possuem o ensino fundamental completo, 35,9% das mulheres e 55,3% dos homens têm o ensino fundamental incompleto, 28,2% das mulheres e 10,5% dos homens concluíram o ensino médio, 5,1% das mulheres e 5,3% dos homens possuem o ensino médio incompleto.

Observando-se os dados referentes à escolaridade, percebeu-se que as mulheres possuem mais anos de estudo do que os homens, visto que o percentual de homens analfabetos é quase três vezes maior que o número de mulheres analfabetas e que o percentual de mulheres com ensino médio completo é maior que o masculino. Dados que condizem com as informações trazidas pelo Instituto Ethos (2004). O Instituto afirma que no Brasil as mulheres já possuem maior grau de escolaridade que os homens. Vale ressaltar que apesar de não estarem presentes nos dados aqui apresentados, existem pessoas na comunidade que cursam o nível superior, assim como, existem algumas que já concluíram. A diferença entre a escolaridade de mulheres e homens pode ser observada na Figura 2.

Figura 2- Escolaridade de mulheres e homens adultos da comunidade Apiques.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Com relação à variável renda, não foi feita a comparação entre os dois gêneros, porque no questionário optou-se por identificar a renda familiar e não a renda individual de mulheres e homens. Constatou-se que a maioria das famílias possui renda inferior a um salário mínimo.

No que se refere à profissão, 35,9% das mulheres se reconhecem como donas de casa, já a maioria dos homens revelou ser pescador, totalizando 78,9%. Outras profissões citadas pelas mulheres foram: agricultora (28,2%), marisqueira (10,3%), serviços gerais (7,7%), rendeira (7,7%), algeira (2,6%), professora (2,6%), trabalhadora rural (2,6%) e auxiliar de enfermagem (2,6%). Já os homens citaram: agricultor (18,4%) e serviços gerais (2,6%). Segue abaixo a Figura 3 que mostra a tradicional forma de produzir renda.

Figura 3- Materiais utilizados para produção de renda: almofada, birros, espinhos, molde e linha.



Fonte: Tiala Moraes (2011).

Vale destacar que as profissões na comunidade Apiques se complementam, pois muitos pescadores buscam elevar suas rendas trabalhando também com a agricultura, da mesma forma que muitas mulheres além de trabalharem em outras atividades atuam também na agricultura.

Analisando as profissões exercidas por homens e mulheres, percebe-se que a maioria das mulheres se reconhece como donas de casa, o que aponta uma forte presença das mesmas na esfera doméstica. A atividade de rendeira também é uma atividade bastante ligada ao espaço do lar, pois em grande parte das vezes é desempenhada no ambiente domiciliar e é intercalada com o trabalho doméstico. Observou-se que as mulheres por diversas vezes interrompem a construção da renda para atender a solicitações dos filhos ou mesmo para realizar atividades de limpeza e organização do lar. Apesar dessas observações foi identificada uma intensa participação das mulheres nas discussões políticas da comunidade, muitas vezes assumindo uma posição importante nas decisões.

Em âmbito geral, as mulheres da comunidade Apiques participam do mundo público, estando à frente das celebrações⁹, participando de grupo de mulheres e de movimentos. No entanto, apesar desses avanços pode-se dizer que a divisão sexual do trabalho ainda é forte na comunidade.

As famílias da comunidade Apiques possuem, em sua maioria, renda inferior a um salário mínimo. A maior parte dos homens se reconhece como pescador, enquanto a maior parte das mulheres identifica-se como dona de casa. A escolaridade das mulheres é maior do

⁹ As celebrações são reuniões que acontecem aos domingos no salão da comunidade. Essas reuniões são religiosas e reproduzem uma missa. No entanto, não há padre, são coordenadas pela própria comunidade. Nessas reuniões as mulheres estão bem à frente, conduzindo as celebrações.

que a dos homens. Os dados encontrados no perfil de mulheres e homens condizem com o que a literatura traz acerca da divisão sexual do trabalho e da escolaridade feminina. A divisão sexual do trabalho na comunidade não é algo superado, o que confirma as discussões trazidas por grande parte das autoras que discutem essa temática, dentre elas, Hirata e Kergoat (2007).

Para Hirata e Kergoat (2007), a discussão sobre a divisão sexual do trabalho deve ir além da construção de indicadores confiáveis para medir a igualdade profissional entre homens e mulheres. Segundo as autoras, deve-se adentrar também a discussão dessas desigualdades como sistemáticas e articular a esse debate a descrição do real. Sendo importante compreender a forma como a sociedade utiliza essa divisão para hierarquizar o trabalho de mulheres e homens, o que gera um sistema de gênero.

4.2 Percepção Ambiental: um Enfoque de Gênero

Como já mencionado anteriormente, as discussões sobre gênero e meio ambiente sugerem haver uma forte relação entre as mulheres e as questões ambientais. Algumas vezes essa relação é apresentada de forma essencialista, outras vezes em uma perspectiva de construção social. A análise da percepção ambiental realizada nesse trabalho compreende a relação entre mulheres e homens com o meio ambiente como construída socialmente, dessa forma, influenciada pelo sistema de gênero vigente na sociedade.

Esta seção encontra-se dividida em quatro subseções. Inicialmente são descritos hábitos e costumes de mulheres e homens referentes ao meio ambiente. Nas subseções dois e três é discutida a visão ambiental e o nível de preocupação com as questões ambientais. Por fim, discute-se a satisfação de mulheres e homens com as condições de vida na comunidade.

4.2.1 Hábitos e costumes de mulheres e homens da comunidade Apiques e o Meio Ambiente

Durante a aplicação dos questionários foi perguntado se os moradores da comunidade consideram que causam danos ambientais e quais os tipos de danos causados. Nesse aspecto, 17,94% das mulheres e 5,12% dos homens revelaram que sempre causam danos ao meio ambiente. Observando os percentuais percebe-se que o número de mulheres que consideram causar sempre danos ambientais é mais de três vezes maior do que o número de homens. O tratamento inadequado dado aos resíduos sólidos foi o dano mais citado por ambos os sexos. Quando questionados sobre a intensidade do impacto dos danos ambientais em suas vidas a maioria dos homens e das mulheres afirmaram que é médio.

O destino dos resíduos sólidos é um problema muito sério na comunidade Apiques, pois não há coleta de lixo, dessa forma, cada pessoa dá ao seu resíduo o destino que considera mais adequado, algumas pessoas queimam, outras enterram e outras soltam em seus quintais. Muitas pessoas queimam seus resíduos, sendo assim, um dano (resíduo) causa outro (queimada), gerando fumaça, poluindo o ambiente e prejudicando a saúde das pessoas. Percebeu-se que na comunidade não há coleta seletiva, no entanto, muitos moradores separam os resíduos sólidos da forma que consideram adequada, os resíduos sólidos orgânicos são destinados aos animais (galinha, pinto, porco, cachorro, etc) ou utilizados como adubo (casca de frutas, talos de hortaliças e leguminosas). As mulheres são as principais responsáveis pelo destino dos resíduos orgânicos, pois geralmente são elas que alimentam os animais domésticos e que cuidam dos quintais. Esse fato aponta mais uma vez a divisão sexual do trabalho na comunidade, as mulheres são as principais responsáveis pelos cuidados com a casa e o quintal.

Os resíduos sólidos inorgânicos possuem três destinos, algumas famílias queimam, outras enterram e outras despejam no quintal.

A separação dos resíduos sólidos realizada aponta consciência ambiental, pois apesar dos resíduos não serem tratados da forma ideal, busca-se separar os orgânicos dos inorgânicos, utilizando os resíduos orgânicos para adubar o solo. Quanto ao ato de queimar e enterrar os resíduos, muitos moradores revelaram que buscam escolher qual o destino menos danoso, alguns acreditam que queimar é melhor, outros consideram que enterrar causa menos danos e alguns dizem que é melhor queimar as latas e o plástico e enterrar o restante.

É importante destacar que alguns moradores falaram da existência de um carro de coleta dos resíduos sólidos que passa na praia, mas foi dito também, que esse carro passa raramente. A situação desses resíduos no Apiques pode ser observada por meio das seguintes falas¹⁰:

“O lixo todo mundo sabe que é problema, mas não liga as coisas (Macelo, 38 anos).”

“Eu acho que o meio ambiente não tá muito legal, porque existe muito lixo, onde a gente vai a gente vê muito lixo que prejudica muito, muita sacola (Alice, 46 anos).”

“Queimada de lixo pode atingir a minha saúde. Aqui meu lixo é um bocado [muito lixo] eu queimo, aquele que não faz mal ao meio ambiente eu solto (Antonia, 46 anos).”

“Lixo das folhas, casca de ovo, casca de fruta e verdura joga nas plantas (Célia, 56).”

¹⁰ É importante destacar que todos os nomes citados nesse trabalho são fictícios.

“Plástico queimo. O resto joga no quintal, aquele que pode ser destruído na terra (José, 52anos).”

“Jogo as cascas de fruta nas plantas (Rosa, 26 anos).”

Quanto ao hábito de jogar resíduos sólidos no chão, as respostas foram muito parecidas. A maioria dos moradores revelou que joga os resíduos sólidos no chão, tanto na comunidade, quanto quando estão em outros locais. A diferença percentual entre homens e mulheres mostrou-se muito pequena, 48,7% das mulheres e 46,2% dos homens disseram que sempre jogam os resíduos sólidos no chão. Com relação ao desperdício de água e a economia de energia, ambos os sexos parecem ter costumes semelhantes, 48,7% das mulheres e 43,6% dos homens afirmaram que nunca evitam o desperdício de água. Já quanto à economia de energia, 41% das mulheres e 46,2% dos homens revelaram que sempre economizam energia. Ainda com relação à economia de energia, 48,7% das mulheres e 51,3% dos homens revelaram que sempre retiraram os eletrodomésticos das tomadas quando não estão em uso. Comparando os dois grupos, há uma forte semelhança entre as atitudes referentes às variáveis: resíduos sólidos, desperdício de água e economia de energia.

Sobre o ato de jogar resíduos sólidos no chão foi revelado:

“Lá em casa a gente joga pelo terreiro (João, 28 anos).”

“Todas às vezes tem gente que joga o lixo em qualquer canto (Lúcia, 27 anos).”

As Figuras 4 e 5 retratam o problema dos resíduos sólidos na comunidade Apiques.

Figura 4- resíduos sólidos depositados nas dunas da comunidade Apiques.



Fonte: Tiala Moraes (2011).

Figura 5- Acúmulo de resíduos sólidos domésticos em áreas da comunidade Apiques.



Fonte: Tiala Moraes (2011).

Sobre o uso da água foi dito:

“A água a gente utiliza e não sabe tratar a água, joga resíduos sólidos na lagoa, aí no outro dia come o peixe de lá, pode contaminar, é muito ruim (João, 28 anos).”

Sobre a poluição da água foi dito:

“Vai tomar banho numa água, pega uma coceira. Porque o menino meu tomava banho na água no cercado, aí ele pegou uma coceira, a médica disse que foi a água. As crianças podem pegar uma doença que leve à morte (Fátima, 45 anos).”

Com relação à importância da água:

“Água é o centro de tudo, a água é vida. As plantas, os animais, precisam de água (Célia, 56 anos).”

Quanto à economia de água, algumas pessoas afirmam que não evitam o desperdício de água, pois na comunidade há abundância desse recurso.

“Água aqui para nós é fartura, a gente não paga água é por conta da natureza, a gente estraga (Paulo, 69).”

“A gente tem muita fartura d’água (Benedito, 33 anos).”

“Como tem muita água a gente não economiza (Valda, 27 anos).”

“Água aqui se istroi [desperdiça] água demais (Henrique, 67 anos).”

A partir das falas acima, entende-se que os moradores da comunidade Apiques percebem a importância da água para manutenção da vida, no entanto, por terem água em abundância não enxergam a necessidade de evitar o desperdício. É importante destacar, que algumas pessoas acreditam não ser preciso economizar água porque não pagam por esse recurso.

No que diz respeito ao uso de agroquímicos, grande parte dos moradores revelou evitar esses produtos químicos. Sobre o assunto foi dito:

“Não boto essas coisas nas minhas plantas não e dá bom (Sebastião, 66 anos).”

“Gosto das coisa natural. O nii é indicado, porque é natural (Célia, 56 anos).”

Alguns moradores afirmam possuir hábitos que contribuem para a preservação ambiental, 15,4% das mulheres e 28,2% dos homens revelam que sempre realizam atividades de proteção ambiental. Vale ressaltar que muitas pessoas não responderam a esse questionamento. Dentre esses hábitos estão: plantar e cuidar das plantas; evitar o desmatamento e as queimadas; e cuidar dos resíduos sólidos. Sobre essas atitudes foi revelado:

“Planto para ir fazendo sombra, jogando folha para ir encobrindo a terra (José, 52 anos).”

“Às vezes eu tiro o lixo do meio ambiente (Benedito, 33 anos).”

“Tenho plantinha medicinal, para ajudar. Cultivo as plantinhas, cuido, zelo minhas coisinhas (Margarida, 50 anos).”

Os dados descritos acima apontam que as mulheres são mais causadoras de danos ambientais do que os homens, pois possuem maior percentual de respostas na categoria “sempre”. Este fato, no entanto, demanda uma análise mais aprofundada uma vez que ao contrário do que aparenta, pode representar um maior rigor adotado pelas mulheres ao avaliar seu próprio padrão de comportamento. Com relação às variáveis resíduos sólidos, água e energia, os percentuais apontam uma forte semelhança entre os dois grupos.

Quanto ao uso de agroquímicos, os resultados mostram uma conscientização feminina maior do que a masculina, pois o número de mulheres que evita o uso de agrotóxicos é expressivamente maior do que o número de homens. O percentual de homens com resposta na categoria “nunca evita” é maior que o dobro de respostas femininas na mesma categoria. Para essa variável, 53,8% das mulheres e 30,8% dos homens afirmam sempre evitar os agrotóxicos, com respostas na categoria “nunca evita” está 20,5% das mulheres e 46,2% dos homens. Vale ressaltar que durante a vivência na comunidade não foi presenciada nenhuma atividade com uso de agroquímicos, no entanto, as respostas dos moradores apontam que há uso de agroquímicos na comunidade.

Outro problema sério é a dificuldade que os pescadores possuem para cumprir a lei do defeso¹¹ da lagosta, pois grande parte dos pescadores não recebe o seguro defeso, já que para recebê-lo é necessário possuir a licença para pesca da lagosta e o acesso a mesma é extremamente burocrático. Ressalta-se que alguns pescadores afirmam que a licença parou de ser fornecida.

Dessa forma é importante refletir: É possível uma comunidade que tradicionalmente tem a pesca como principal atividade econômica e não tem acesso a licença cumprir as leis que regulamentam a pesca? Quais os critérios utilizados para o fornecimento da licença? Constata-se aqui que para o cumprimento das leis é necessário que sejam dadas

¹¹ O seguro defeso é uma política que visa proteger as espécies e garantir renda aos pescadores. Os pescadores profissionais ficam impedidos por lei de pescar no período de reprodução das espécies. Durante esse período os pescadores têm o direito de receber mensalmente um salário mínimo, benefício chamado de Seguro Defeso.

condições aos moradores para cumpri-las, pois dificilmente alguém irá comprometer sua sobrevivência e de sua família para cumprir uma lei ambiental.

4.2.2 Visão ambiental dos homens e mulheres adultos da comunidade Apiques

Para análise da visão ambiental dos moradores da comunidade Apiques, foram selecionadas as seguintes variáveis: frequência com que os moradores buscam informações sobre o meio ambiente, responsabilidade com o meio ambiente, visão sobre a aplicação correta das leis, a mudanças de hábitos e a educação ambiental; e visão sobre os problemas ambientais.

Quando questionados a respeito da frequência com que buscam informações sobre o meio ambiente, os dois grupos responderam de forma semelhante, apresentando pequena iniciativa com relação à busca de informações ambientais, visto que 60,5% das mulheres e 64,1% dos homens tiveram respostas na categoria “nunca busca informações sobre o meio ambiente.”

No que se refere à responsabilidade com o meio ambiente, a maioria dos moradores (89,5% dos homens e 86,5% das mulheres) acredita que todas as pessoas devem ser sempre responsáveis pelas questões ambientais. Foi dito ainda, que o governo também deve ser responsabilizado todas às vezes. Essa responsabilidade do governo foi citada por 66,7% das mulheres e 58,3% dos homens.

“O governo tem tanta responsabilidade, se a gente rebolar [jogar] tudo para riba [cima] deles, eles não dão conta (Francisca, 52 anos).”

“O governo a gente pode achar que ele cuida, mais ele cuida lá [Referindo-se ao fato do governo não cuidar do meio ambiente] (Jaime, 60 anos).”

“Só pode ser resolvido se for de corrente, parceria [Referindo-se a resolução dos problemas ambientais] (Humberto, 55 anos).”

“O governo deve dá local para botar o resíduos sólidos (Júnior, 49 anos).”

“Acho que o governo devia ser mais responsável [Se referindo ao local para colocar lixo] (Rosa, 26 anos).”

A partir das afirmações de mulheres e homens da comunidade Apiques, observa-se que os mesmos percebem a responsabilidade pelo meio ambiente como algo que deve ser compartilhado entre todos e o governo. No entanto, percebe-se também que esses moradores acreditam que o governo não vem cumprindo suas obrigações ambientais como deveria.

Grande parte dos homens e das mulheres consideram que as leis devem ser sempre aplicadas corretamente. Os percentuais das respostas para os dois grupos na categoria “todas às vezes” foram respectivamente 86,8% e 77,8%. Sobre a aplicação das leis foi dito:

“Precisa aplicar as leis dando condições. Porque às vezes aplica a lei e não dão as condições para que se cumpra. O IBAMA aqui mesmo aplica a lei, mas aqui poucas pessoas recebem o benefício [seguro defeso]. Aí se acha na obrigação para sobreviver ir contra a lei. Esse pessoal que vive pescando é arriscado ser pegue (José, 52 anos).”

“O pescador tem o seguro defeso, mas o agricultor não tem. E cadê o dinheiro para comprar o feijão depois do inverno? (Hélio, 58 anos)”.

Durante a aplicação dos questionários, alguns pescadores citaram problemas relacionados às leis ambientais para pesca. Segundo eles, não são dadas as condições para que os pescadores cumpram as leis, visto que há uma enorme dificuldade para se conseguir a licença para pesca de lagosta e de peixe. Na comunidade existem aproximadamente 70 barcos, destes, apenas 16 possuem licença para lagosta. De acordo com alguns pescadores, existem barcos que não possuem licença para lagosta e nem para peixe. A falta de licença para pescar gera diversos problemas, pois se os pescadores que não possuem licença forem abordados por fiscais do IBAMA serão submetidos às penalidades previstas na legislação ambiental, mesmo havendo enorme burocracia para aquisição da licença e tratando-se de uma comunidade tradicional que vive principalmente da pesca. Além das penalidades e de estarem constantemente ilegais, esses pescadores não possuem condições para cumprir a lei do defeso da lagosta, pois não recebem seguro defeso devido à falta de licença, conseqüentemente precisam pescar durante o período de defeso para garantir a sobrevivência, dessa forma, mais uma vez são obrigados a descumprir a lei.

Além das dificuldades para a retirada da licença, alguns pescadores afirmam que as leis não são aplicadas da mesma forma para pescadores artesanais e para pescadores que utilizam grandes barcos, com maior estrutura, ou seja, pescadores de elevado poder aquisitivo. Sendo assim, os barcos grandes são favorecidos, o que aponta corrupção na aplicação da lei. Vale ressaltar que as dificuldades vivenciadas pelos pescadores foram reveladas tanto na variável de hábitos e costumes quanto na variável visão ambiental.

Com relação à agricultura, a declaração do agricultor Hélio, citada acima, aponta as dificuldades que os agricultores têm para garantir a sobrevivência quando as condições ambientais não são favoráveis, como quando há escassez de chuva, revelando a carência de apoio das autoridades competentes nesses períodos.

Sobre a mudança de hábitos, 71,4% das mulheres e 70,3% dos homens acreditam que as pessoas devem mudar seus hábitos todas às vezes. Essa mudança refere-se à mudança

dos hábitos negativos do ponto de vista ambiental para hábitos positivos, dessa forma, mulheres e homens acreditam que é necessário as pessoas mudarem os hábitos que degradam o meio ambiente para hábitos sustentáveis. Quanto à educação ambiental nas escolas, 92,1% das mulheres e 92,3% dos homens consideram necessária todas às vezes. Sobre a educação ambiental foi dito:

“É a principal a educação ambiental, é vida para o cidadão, é paz, é água limpa. Falta o compromisso dos professores. A primeira coisa é o destino do resíduos sólidos nas escolas. Que as crianças não aprenda só a ler e escrever, aprenda a viver no meio ambiente. Falar da importância da água(Célia, 56 anos).”

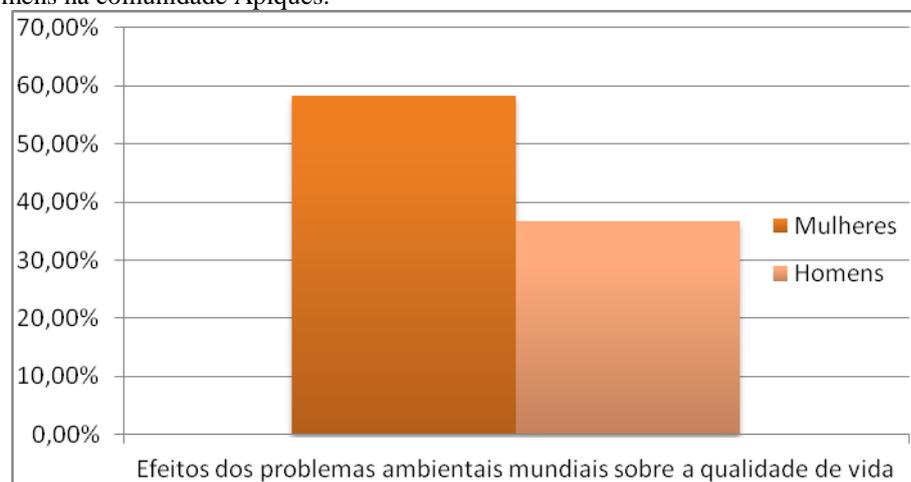
“Direto, aconselhando todo tempo [Referindo-se a necessidade de uma educação ambiental constante, que sirva de aconselhamento para os jovens] (João, 67 anos).”

Quanto aos problemas ambientais do Assentamento, 94,6% das mulheres e 97,4% dos homens reconhecem a existência dos mesmos. Já quanto aos problemas ambientais da comunidade, 48,6% das mulheres e 50% dos homens acreditam que esses problemas sempre afetam a saúde da população local. No que diz respeito aos efeitos maléficos dos problemas ambientais em escala mundial, 58,3% das mulheres e 36,8% dos homens acreditam que esses efeitos sempre afetam sua qualidade de vida. No que se refere à influência dos problemas ambientais sobre a saúde da população local, foi dito:

“[...] se você queima perto da casa de alguém pode causar problema de saúde (Antonia, 46 anos).”

As respostas sobre os efeitos maléficos dos problemas ambientais sobre a qualidade de vida de mulheres e homens apontaram uma diferença significativa entre os gêneros, podendo ser observada na Figura 6:

Figura 6- Efeitos maléficos dos problemas ambientais sobre a qualidade de vida de mulheres e homens na comunidade Apiques.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Buscando identificar a visão dos moradores da comunidade Apiques sobre os problemas ambientais, foram selecionados os seguintes problemas: desmatamento, queimada, degradação do solo, poluição da água, êxodo rural, falta de esgotamento sanitário, pobreza, violência, excesso de consumo, desperdício e não cumprimento das regras. Durante a aplicação dos questionários, homens e mulheres foram perguntados sobre a frequência com que consideram esses indicadores como problemas ambientais. Essa visão pode ser verificada na Tabela 1:

Tabela 1- Distribuição relativa de homens e mulheres segundo a percepção sobre problemas ambientais na comunidade Apiques (%).

Problemas ambientais	Mulheres	Homens
	São problemas ambientais todas às vezes	São problemas ambientais todas às vezes
Desmatamento	94,7	86,8
Queimada	91,7	89,7
Degradação do solo	80,6	81,1
Poluição da água	94,7	94,7
Êxodo rural	32,3	31
Falta de esgotamento sanitário	67,6	71,4
Pobreza	45,7	63,9
Violência	67,6	75,7
Excesso de consumo	51,4	65,7
Desperdício	83,3	77,1
Não cumprimento das regras	77,8	78,4

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Alguns dos problemas citados na tabela foram revelados pelas falas dos moradores. Sobre o desmatamento e as queimadas afirma-se:

“Eu acho que não deveria fazer queimada, desmatamento, porque devora [destrói], acaba, prejudica (Ana, 64 anos).”

“Nós aqui era para ter um bocado de mata, nem os pobi [pobre] dos passarinho não tem onde dormir mais (Francisco, 66 anos).”

“Se evitasse tocar fogo na mãe terra seria melhor (Lúcio, 65 anos).”

Sobre o êxodo rural foi dito:

“É ruim porque elas saem do meio rural, vai para cidade para morar nas favelas, debaixo das pontes, caí na marginalidade. Perde a cultura do campo, o alimento mais saudável. Não se sente mais com a dignidade de ser gente (Célia, 56 anos).”

“As cidades quando vai muita gente de fora, não cresce, incha. O homem do campo nunca vai se acostumar na cidade. Marginalização, prostituição, vai ser explorado, vai ser usado (José, 52 anos).”

Com relação à poluição da água revela-se:

“Toda vida tendo poluição da água não existe nem vida dos peixes (Mario, 43 anos).”

No que se refere à pobreza Sandra diz:

“Quando a gente é pobre não pode fazer o próprio banheiro, manter higiene, nem obedecer a lei (Sandra, 54 anos).”

Sobre a violência Antonia afirma:

“A violência causa muito problema para família. Do esposo para esposa, da esposa para o esposo. Às vezes até a mal palavra pode causar violência (Antonia, 46 anos).”

Sobre o excesso de consumo foi dito:

“Tudo a gente comprar, excesso de roupa, de calçado. Troca o filtro de barro pelo plástico, quebra com dois dias e vai poluir o meio ambiente (Célia, 56 anos).”

Com relação à degradação do solo Mario revela:

“Você não cuida do solo dá problema (Mario, 43 anos).”

Quanto às atividades que causam maior dano ambiental, as mais citadas pelos homens foram as queimadas, as mulheres citaram em mesma proporção o destino incorreto dos resíduos sólidos e as queimadas. Seguem, na Tabela 2, as atividades mais citadas:

Tabela 2- Atividades que causam maior dano ao meio ambiente na opinião de mulheres e homens da comunidade de Apiques.

Atividades que causam maior dano ambiental	Mulheres	Homens
Resíduos sólidos	32,2%	16,1%
Queimadas	32,2%	51,6%
Desmatamento	6,5%	19,3%

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Além dos problemas citados acima, foram mencionados: ausência de postos de trabalho, precariedade no atendimento médico e estradas de má qualidade. Sobre os problemas da saúde e das estradas na comunidade, as moradoras Antonia e Silvia afirmam:

“Principalmente o posto de saúde. A saúde aqui é péssima, é a pior coisa que tem aqui é a saúde (Antonia, 46 anos).”

“As coisa ruim daqui são as estrada (Silvia, 67 anos).”

Outro aspecto bastante falado durante a aplicação dos questionários foi o lazer. Grande parte dos moradores revelou que o número de áreas públicas de lazer é reduzido,

71,1% das mulheres e 74,4% dos homens fizeram essa afirmação. Sobre a escassez dos espaços de lazer foi dito:

“Falta um bocado de coisa para divertimento, uma quadra esportiva (Eudes)”

No que diz respeito aos espaços de lazer existentes, revelou-se:

“O lazer dos menino aqui é na praia, no mar, na riba dos morro (Mauro ,40 anos).”

“Tem espaço para brincar, andar, se divertir (Lúcia, 27 anos).”

Apesar da maioria das pessoas não reconhecer a existência de espaços públicos de lazer, observou-se que a praia, as dunas e as lagoas são espaços muito utilizados por crianças, jovens e idosos. Na fala de Mauro, citada acima, percebe-se esse fato. O lazer apontado por Mauro pode ser identificado na Figura 7:

Figura 7- Lazer na comunidade Apiques. Crianças brincando sobre as dunas.



Fonte: Tiala Morais (2011).

Ainda com relação ao lazer, percebeu-se que os idosos do sexo masculino se encontram na praia para conversar, assim como, os homens jovens se encontram para conversar, jogar sinuca, tomar banho de mar, principalmente aos domingos. As mulheres também utilizam a praia como espaço de lazer, mas não com tanta frequência. Esse fato foi identificado, porque durante a aplicação dos questionários e realização das entrevistas, as

mulheres foram encontradas no lar com mais facilidade do que os homens. Com alguns homens o questionário foi aplicado na praia. Percebeu-se ainda, que as mulheres, em alguns momentos, unem o trabalho doméstico com o lazer, pois costumam lavar roupas nas lagoas, ao mesmo tempo em que tomam banho de lagoa e conversam com amigas.

A partir da aplicação dos questionários, percebeu-se que em grande parte das variáveis homens e mulheres tiveram respostas semelhantes. As variáveis em que houve maior diferença entre os sexos foram: efeitos dos problemas ambientais mundiais sobre a qualidade de vida de cada indivíduo, atividades que causam maior dano ao meio ambiente, aplicação correta das leis e responsabilidade ambiental. Dentre essas variáveis, a variável “efeitos dos problemas ambientais mundiais sobre a qualidade de vida” apresentou maior diferença entre homens e mulheres. Nesse caso, houve uma diferença de 21,5% entre homens e mulheres, 58,3% das mulheres sentem a qualidade de vida afetada negativamente pelos problemas ambientais mundiais, enquanto 36,8% dos homens deram essa resposta.

Ainda sobre as atividades que causam maior dano ao meio ambiente, os homens percebem a queimada e o desmatamento como atividades mais prejudiciais, já as mulheres consideram os resíduos sólidos e a queimada como as atividades que causam maiores problemas ao meio ambiente. Com relação à aplicação correta das leis, a diferença entre homens e mulheres que acreditam que as leis devem ser sempre aplicadas corretamente foi de 9%, nesse caso, o número de homens que respondeu na categoria “sempre devem ser aplicadas corretamente” foi um pouco maior que o número de mulheres.

Sobre a responsabilidade com o meio ambiente, houve uma diferença de 8,4% entre homens e mulheres que acreditam que o governo deve ser responsável todas às vezes, nesse caso, o número de mulheres com respostas na categoria “o governo deve ser sempre responsável pelo meio ambiente”, foi 8,4% maior do que o número de homens.

As diferenças entre a visão ambiental de homens e mulheres baseiam-se em termos percentuais, no entanto, é importante destacar que em termos quantitativos a visão pode ser muito semelhante, mas as influências subjetivas e culturais podem ser muito diferentes. Fundamentando-se nesse pensamento, acredita-se que é necessário analisar as declarações de ambos os sexos em busca das motivações e subjetividades de cada um, pois estas são construtoras da visão ambiental dos indivíduos.

Observando as declarações de mulheres e homens, identificou-se que os homens se pronunciaram mais sobre a aplicação correta das leis, apontando as dificuldades existentes para o cumprimento das leis ambientais. Já as mulheres falam mais das questões relacionadas

à saúde, tanto da dificuldade de acesso à saúde quanto do impacto dos problemas ambientais sobre a saúde.

Quanto à violência a maioria de homens e mulheres a considera como um problema ambiental. Nas falas femininas sobre a violência, encontram-se elementos como a preocupação com a família, a idéia de violência como destruição e a necessidade de paz. Nas declarações masculinas encontra-se a violência relacionada às autoridades, a violência como um pecado e a importância da paz. Ambos, quando falam da violência ressaltam o quanto a comunidade é tranquila.

Os resultados dessa sessão apontam elementos importantes para o debate sobre a divisão sexual do trabalho, pois mostram diferenças nas respostas de homens e mulheres. Os homens se referem mais a aspectos do mundo público, como as leis ambientais. Já as mulheres falam mais sobre aspectos da reprodução social, como a saúde.

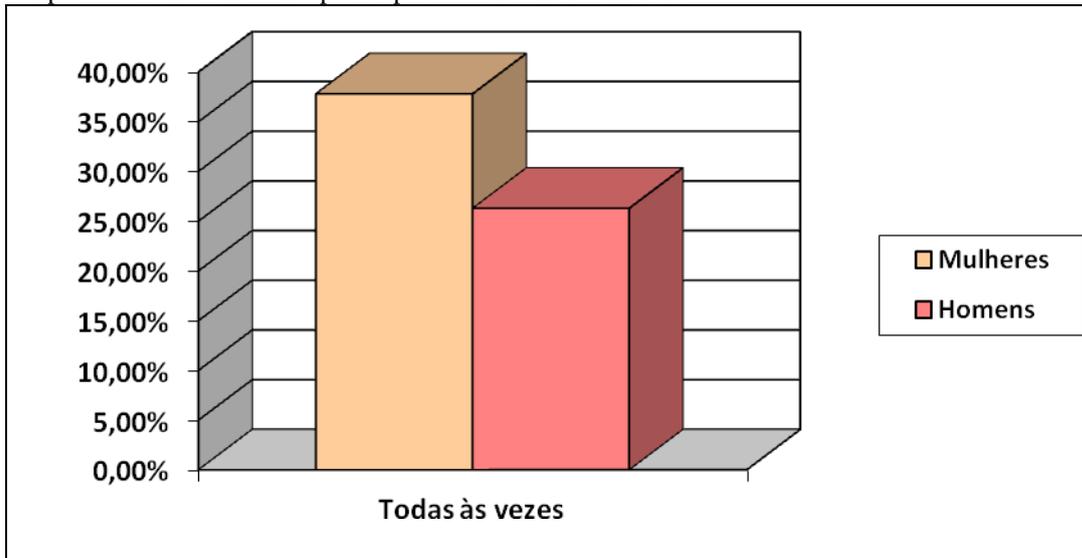
A partir da discussão travada acima, entende-se que a visão ambiental dos moradores é ampla, pois está para além dos recursos naturais, tanto nas visões masculinas quanto femininas.

4.2.3 Preocupação com o Meio Ambiente

Para discutir a preocupação dos moradores da comunidade Apiques com o meio ambiente, buscou-se identificar a importância do meio ambiente para a vida de cada um; o interesse pelas questões ambientais; a forma como ambos os sexos avaliam suas ações relacionadas às questões ambientais; a frequência com que mulheres e homens participam de eventos sobre o meio ambiente e a forma como avaliam o estilo de vida que levam.

Com relação à preocupação com o meio ambiente, 8,1% das mulheres e 10,5% dos homens, nunca se preocupam com o meio ambiente, 13,5% e 13,2%, respectivamente, preocupam-se pouquíssimas vezes, 40,5% e 50% estão preocupados algumas vezes, 37,8% e 26,3% preocupam-se todas às vezes. A maior diferença percentual entre homens e mulheres é encontrada na categoria “todas às vezes”, como pode ser observada na Figura 8.

Figura 8- Distribuição relativa de homens e mulheres da comunidade de Apiques, segundo a frequência com que sempre se reconhecem como preocupados com o meio ambiente.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

A partir desses dados entende-se que as mulheres estão mais frequentemente preocupadas com o meio ambiente do que os homens. Sobre a preocupação com o meio ambiente foi dito:

“Sou preocupada com o assentamento e com a comunidade. Eu penso porque tenho uma casa cheio de rapaz [filhos]. Não sei o que eles vão ser. Às vezes nós mãe somos tão besta com os filhos da gente. Me preocupo com o lixo, o resto de garrafa[...] (Antonia, 46 anos).”

“A maior preocupação quem tem que ter é as pessoas que convivem aqui (Júnior, 49 anos).”

“Eu penso muito daqui uns anos como é que tá o mundo inteiro. Me sinto muito culpada porque eu podia iniciar (Sandra, 54 anos).”

Já com relação à variável “importância do meio ambiente”, a diferença entre mulheres e homens que consideram o meio ambiente sempre importante em suas vidas é pequena, sendo 97,3% das mulheres e 94,9% dos homens. É interessante destacar que se comparadas as duas variáveis pode-se perceber a seguinte contradição: se quase 100% das mulheres e homens consideram o meio ambiente importante, porque apenas 37,8% das mulheres e 26,3% dos homens revelam preocupar-se todas as vezes com o meio ambiente? Levanta-se esse questionamento porque acredita-se que importância e preocupação estão diretamente relacionadas, pois quanto mais importância um objeto, um elemento ou uma questão social tiver na vida de um indivíduo mais este indivíduo estará propenso a preocupar-se com os mesmos.

Sobre a importância do meio ambiente afirma-se:

“Porque é adonde [onde] a gente vive, se poluir ele, polui a gente também. A gente pode ficar doente (João, 28 anos).”

“Sempre porque é tudo na vida da gente. Ninguém vive sem o meio ambiente. Deus fez o homem e se preocupou de fazer o paraíso para a gente (Célia, 56 anos).”

Quanto ao interesse pelas questões ambientais, 75% das mulheres afirmam que esse interesse cresceu nos últimos tempos, enquanto 84,2% dos homens fazem a mesma afirmação. Com relação ao interesse pelas questões ambientais foi dito:

“Cada vez mais que vai passando para frente, a gente vai se preocupando com a vida da gente, dos filhos da gente, como é que vai ser (João, 28 anos).”

“Quando a gente tinha 20 anos a gente não tinha muita informação, não tinha TV [televisão].(Geralda,34 anos).”

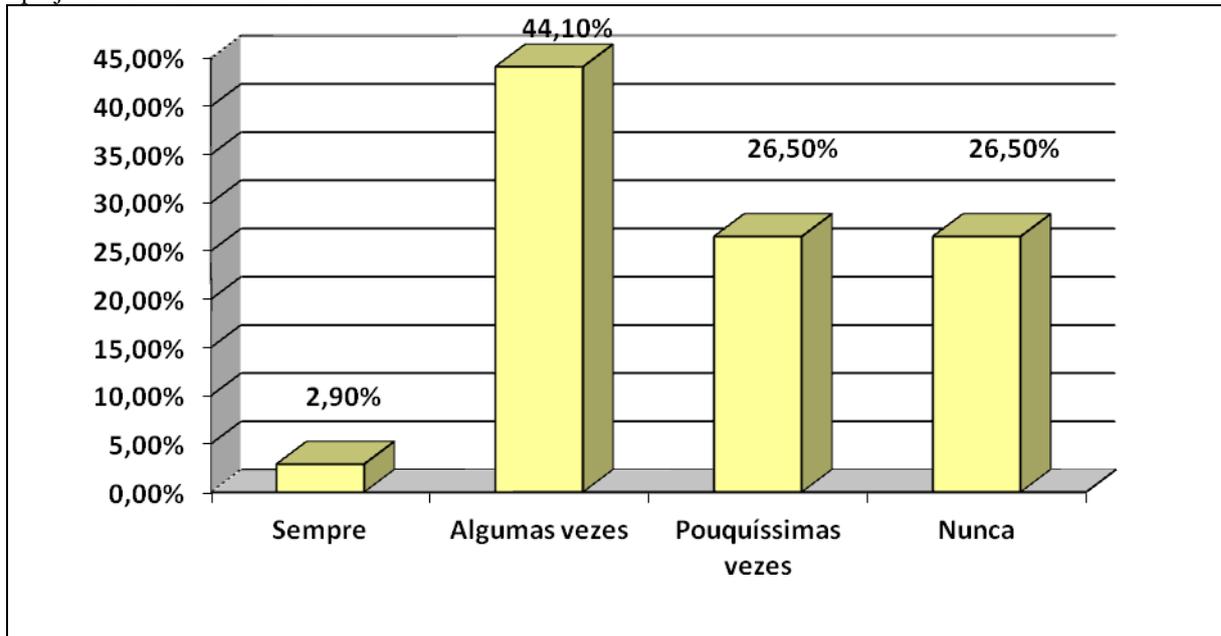
No que se refere à avaliação que homens e mulheres fazem de suas ações, apresenta-se os seguintes resultados: 33,3% das mulheres e 25,6% dos homens consideram suas ações sempre positivas para o meio ambiente.

Com relação à participação em atividades sobre o meio ambiente, quando questionados sobre a participação em audiências públicas, a maioria dos homens e das mulheres revelaram nunca ter participado. Na categoria “nunca” estão 73,7% das mulheres e 59% dos homens.

Para compreender como mulheres e homens percebem o impacto dos seus modos de vida sobre o meio ambiente, foram abordadas três categorias no questionário: “estilo de vida muito prejudicial ao meio ambiente”, “estilo de vida parcialmente prejudicial ao meio ambiente” e “estilo de vida prejudicial ao meio ambiente”. Vale ressaltar, que a categoria “parcialmente prejudicial” se refere aos prejuízos que não são gerados constantemente e a categoria “prejudicial” reconhece os prejuízos causados, no entanto, esses não são tão intensos como na categoria “muito prejudicial”.

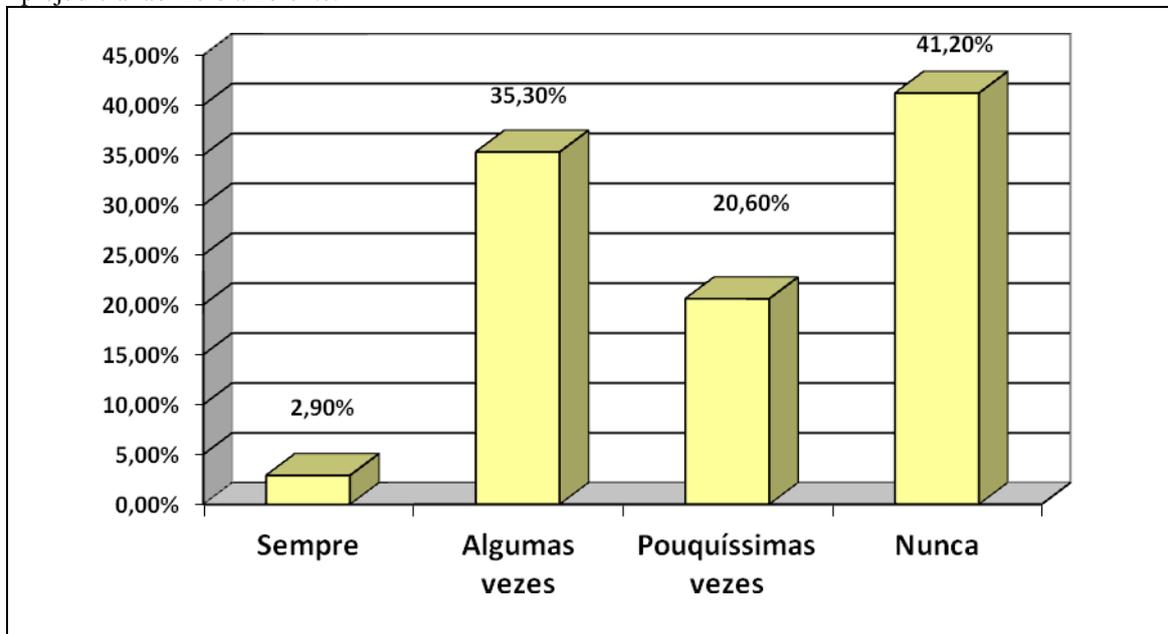
Quando questionados sobre essa variável, ambos os sexos, na maioria das vezes, consideram que a forma como vivem nunca é muito prejudicial ao meio ambiente. Dessa forma, homens e mulheres assumem com mais frequência que prejudicam parcialmente ou que apenas prejudicam o meio ambiente. Esses dados podem ser observados nas Figuras 9 e 10.

Figura 9- Distribuição das mulheres segundo a frequência com que consideram seu modo de vida muito prejudicial ao meio ambiente.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

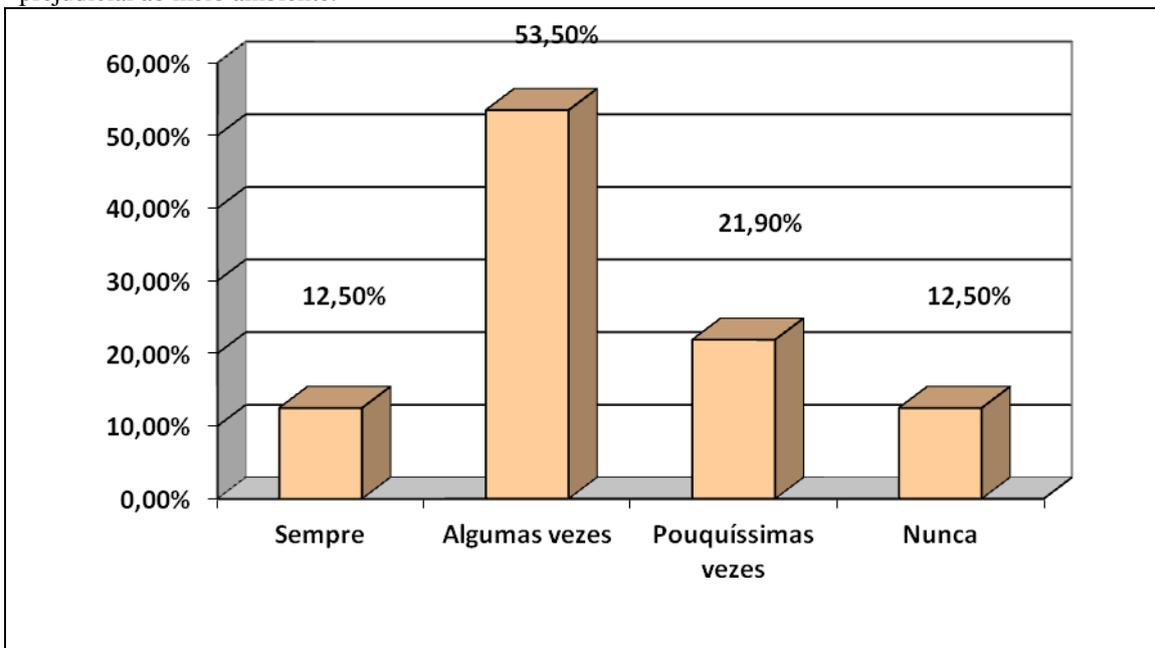
Figura 10- Distribuição dos homens segundo a frequência com que consideram seu modo de vida muito prejudicial ao meio ambiente.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

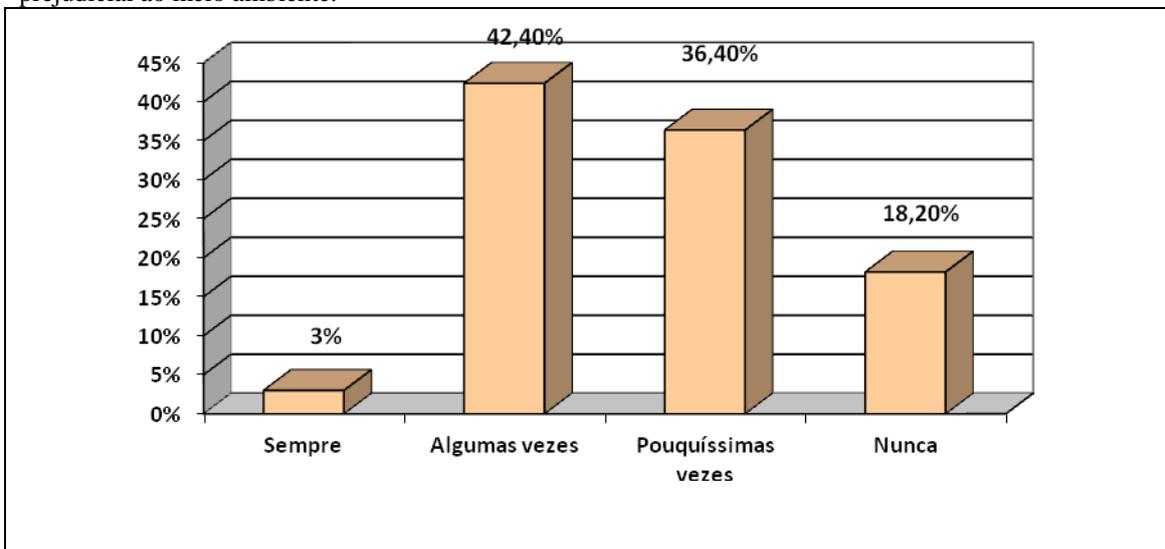
Já as Figuras 11 e 12 trazem os percentuais de homens e mulheres que acreditam que seus estilos de vida prejudicam parcialmente o meio ambiente. Analisando essa variável percebe-se que mais uma vez as mulheres consideram seus estilos de vida mais prejudiciais do que os homens, pois na categoria “parcialmente prejudicial” possuem a maioria das respostas como sempre ou algumas vezes parcialmente prejudicial, enquanto os homens possuem mais respostas na categoria “pouquíssimas vezes” e “nunca”, do que as mulheres.

Figura 11- Distribuição das mulheres segundo a frequência com que consideram seu modo de vida parcialmente prejudicial ao meio ambiente.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Figura 12- Distribuição dos homens segundo a frequência com que consideram seu modo de vida parcialmente prejudicial ao meio ambiente.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Sobre o estilo de vida prejudicial ao meio ambiente foi dito:

“Quando a gente queima plástico, pneu, isso ajuda o aquecimento global (Lúcio, 65 anos).”

“Quando queima. A gente tem que queimar todo tempo porque não tem onde bote (Ana, 67 anos).”

A partir desses resultados, assim como foi percebido na seção “Hábitos e costumes de mulheres e homens da comunidade Apiques e o meio ambiente”, identifica-se que as mulheres se colocam como causadoras de prejuízos ambientais mais frequentemente do que os homens, esse fato pode revelar duas interpretações. A primeira conclusão pode ser de que as mulheres são mais causadoras de danos ambientais e a segunda possibilidade pode ser de que as mulheres estão sendo mais sinceras nas suas análises e que percebem melhor os danos que causam. Dessa forma, possuem uma percepção ambiental mais aguçada do que os homens. Nesta análise, não é possível afirmar de forma conclusiva qual das colocações retrata a realidade do grupo estudado, no entanto, é possível identificar elementos nas respostas de homens e mulheres que possibilitem compreender melhor a forma como os mesmos percebem o meio ambiente.

Analisando os elementos identificados nas falas de homens e mulheres, percebe-se algumas diferenças. No que se refere à preocupação com o meio ambiente, além da diferença numérica descrita anteriormente, encontram-se diferenças subjetivas relacionadas aos motivos que levam homens e mulheres a se preocuparem com as questões ambientais. As mulheres revelaram estar preocupadas com o meio ambiente porque temem que o Assentamento, a comunidade e seus filhos passem por dificuldades no futuro com a escassez dos recursos naturais. Outro aspecto percebido nas falas femininas foi a culpa por não serem mais atuantes na resolução dos problemas ambientais. Nesse aspecto, os homens também se referiram a possíveis dificuldades futuras, mas não citam o Assentamento, a comunidade e os filhos. Além do medo das possíveis dificuldades, os homens revelaram se incomodar com a falta de preocupação da própria comunidade com os problemas ambientais, pois segundo eles, há necessidade da comunidade se empenhar para resolver os problemas ambientais locais.

Homens e mulheres afirmam que o meio ambiente é importante porque a sobrevivência humana depende da disponibilidade de recursos naturais, ou seja, ambos acreditam que o meio ambiente é importante porque fornece o sustento do ser humano. Encontra-se também a dimensão religiosa na fala de Célia citada acima.

Quanto ao interesse pelo meio ambiente, homens e mulheres afirmam que cresceu nos últimos tempos, principalmente, devido à aquisição de conhecimento dos mesmos sobre

os problemas ambientais, a preocupação com o futuro dos filhos, bem como, por terem sido impulsionados a uma preocupação coletiva com os problemas ambientais pelos movimentos sociais e técnicos agrícolas presentes no Assentamento, assim como da sociedade em geral. Vale ressaltar que comparando as respostas masculinas quanto à preocupação ambiental com as outras variáveis analisadas, um número¹² maior de homens citou a preocupação com os filhos como motivação para um maior interesse com as questões ambientais. Percebeu-se mais uma vez que além dos filhos e família as mulheres citam a comunidade, já os homens não citam a comunidade, o que pode indicar que as mulheres preocupam-se mais com a coletividade.

De forma geral, percebeu-se que existem contradições acerca das respostas relacionadas às variáveis preocupação, importância e interesse, visto que são variáveis relacionadas entre si e que existem diferenças numéricas significativas entre as mesmas. Segundo Palma (2005), a percepção ambiental é influenciada pelo interesse que por sua vez é influenciado pela cultura, dessa forma, acredita-se que nessa mediação está também a importância e a preocupação, já que a cultura contribui para determinar aquilo que é importante e que as pessoas devem se preocupar.

4.2.4 Nível de satisfação dos homens e mulheres adultos da comunidade Apiques em relação às condições de vida

A análise da satisfação dos homens e mulheres quanto às condições de vida na comunidade Apiques foi realizada a partir da classificação dada ao nível de qualidade de vida na comunidade, do levantamento de elementos positivos e negativos feito por cada indivíduo, bem como, por meio das falas sobre como esses moradores enxergam o meio ambiente local.

Quando questionados sobre a qualidade de vida na comunidade, a maioria dos homens e das mulheres classifica como ótima ou boa, como observa-se na Tabela 3.

¹² É importante destacar que o número de homens que citou os filhos foi maior para essa variável do que para as outras variáveis analisadas, mas não foi maior do que o número de mulheres que fizeram a mesma citação.

Tabela 3- Classificação da qualidade de vida na comunidade Apiques, na opinião de homens e mulheres.

Mulheres		Homens	
Ótima	12,8%	Ótima	25,6%
Boa	56,4%	Boa	28,2%
Regular	28,2%	Regular	46,2%
Ruim	2,6% ⁷	5vb	0

Fonte: dados da pesquisa (2011).

Analisando os dados, percebe-se que a maioria das mulheres e homens classifica a qualidade de vida como ótima ou boa, os percentuais somados nessas categorias encontram-se em 69,2% das mulheres e 53,8% dos homens. É perceptível a maior satisfação das mulheres se comparadas aos homens.

Dentre os elementos positivos exaltados por mulheres e homens que consideram a vida na comunidade como ótima ou boa, estão: a liberdade, a tranqüilidade, a união, a fartura, a amizade, boa qualidade do ar, o respeito e a participação comunitária. No entanto, é importante destacar que as mulheres enfatizam mais a tranqüilidade e a união, enquanto os homens enfatizam mais a liberdade e a tranqüilidade. Essas identificações direcionam aos seguintes questionamentos: As mulheres percebem mais união na comunidade porque estão mais ligadas as questões coletivas? Homens referem-se mais a liberdade porque estão mais presentes no mundo público e vivenciaram mais fortemente a opressão dos patrões? Os homens possuem a liberdade como um valor mais forte porque historicamente foram mais livres do que as mulheres?

Nas falas masculinas não se encontra a união como um elemento positivo na comunidade. Dentre os elementos negativos destacados estão: a falta de acesso ao atendimento de saúde, desunião, divergência de idéias, projetos falidos trazidos pela assistência técnica, falta de saneamento e falta de coleta de lixo.

Sobre a liberdade foi dito:

“Mesmo com as coisas ruins que existe, acho muito bom. A gente é livre, trabalha nos quintal da gente (Alice, 46 anos).”

“É porque não têm aperreio como na época dos patrões (Raimundo, 86 anos)

Sobre a união revela-se:

“Graças a Deus nossa comunidade é bastante unida (Aurilene, 28 anos).”

“Acho bom porque quando a comunidade se reuni tem muito assunto, tão bom, a união, o respeito (Silvia, 67 anos).”

No que se refere à tranquilidade encontram-se as seguintes declarações:

“Se fosse preciso sair para cidade grande ia me sentir muito mal, demais. Eu gosto tanto daqui, o silêncio, eu não me dou com aquela zuada [barulho]. Deus me defenda que fosse preciso sair daqui (Júnior, 49 anos)!”

“É um lugar tranquilo para viver, morar. Ter liberdade de plantar, trabalhar (Jerônimo, 29 anos).”

“O lugar que eu moro é tranquilo (Silvana, 49 anos).”

“A gente vive tranquilo mora em casa própria, água daqui não tem poluição. Ave Maria! Minha vida aqui no interior é um mar de rosa (Ana, 64 anos).”

Destacando os aspectos positivos da vida na comunidade, foi dito também:

“A gente tem tranquilidade. Água com fartura. Quase tudo com fartura (Rosa, 26 anos).”

“Graças a Deus é tudo bom, todo mundo é meu amigo, todo mundo me respeita, eu respeito todo mundo (Jaime, 60 anos).”

“Acho que seja boa. Porque aqui a gente respira um ar puro (Marcia, 32 anos).”

“É uma vida tranquila, a pessoa participa das coisas da comunidade (Socorro, 40 anos).”

Os aspectos negativos da qualidade de vida na comunidade, ressaltados pelos moradores que classificam a mesma como regular ou ruim podem ser observados nas declarações abaixo:

“Para ser boa tem que ser completa em tudo. Falta atendimento de saúde, tem que ir para Fortaleza (Mario, 43 anos).”

“Porque tem muita desunião, muita coisa que prejudica, preocupa. As pessoas às vezes não é todo mundo unido. Tem uns prum lado, outros para outro (Claudia, 42 anos).”

“Falta saneamento, coleta de resíduos sólidos (Fernanda, 24 anos).”

“É um pensamento de um jeito, outro de outro (Antonia, 46 anos).”

“Boa não é muito não, mas ruim não é não. O maior problema da comunidade foi os projeto que entrou aí. Os técnicos com os projetos iludiram a negada (Mauro, 40 anos).”

Percebe-se que os valores utilizados por homens e mulheres para classificar a qualidade de vida na comunidade são valores imateriais, relacionados ao bem estar e à aquisição de direitos, o que reflete a simplicidade da vida no local. Esse fato não quer dizer que as pessoas não possuam desejos materiais, mas sim que os valores identificados estão bem distantes da lógica consumista e mercadológica fortemente presente em grande parte dos espaços urbanos.

Para compreender a percepção ambiental dos moradores, foi pedido também que mulheres e homens descrevessem como enxergam a comunidade. Nessas declarações foi

destacado aquilo que é considerado bonito, feio, bom e ruim. Dentre os aspectos bonitos da comunidade foi destacada a natureza, já como elementos feios foram ressaltados o resíduos sólidos e a falta de cuidado com os recursos naturais.

Algumas pessoas percebem o meio ambiente como maravilhoso e bonito, essa percepção pode ser vista nas falas abaixo:

“O meio ambiente aqui acho agradável, uma terra maravilhosa, você pode plantar o que quiser, acho a água mineral, um vento maravilhoso. É uma terra mãe, mãe, mãe. (Célia, 56 anos).”

“O que acho bonito aqui é quando chega no inverno as lagoa No inverno sobe no morro, ver as lagoa funda, parece piscina, acho lindo. Às vezes a gente não sabe admirar o que tem (João, 28 anos).”

“Até um pé de coqueiro eu admiro. Você plantar um coco e nascer um pé grande desse. Tudo da natureza eu acho bonito (Ana, 64 anos).”

A beleza do meio ambiente destacada por Célia, João e Ana pode ser observada nas Figuras 13 e 14 abaixo.

Figura 13- Lagoa formada entre as dunas no inverno - Comunidade Apiques.



Fonte: Tiala Morais (2011).

Figura 14- Coqueirais e lagoa no quintal de uma casa na comunidade Apiques.



Fonte: Morais (2011).

Observando as declarações, identifica-se que os moradores possuem um forte apreço pelas belezas naturais da localidade. Destacam em suas falas o mar, as dunas (descritas como morros), as plantas e as lagoas. No entanto, dentre estas belezas, percebe-se um apreço maior pelo mar e coqueirais. A terra é muito citada como mãe, como fornecedora de alimentos, mas com relação à beleza, o mar e os coqueirais são os mais exaltados.

“Eu acho que o que tem de bonito para nois é a natureza, o mar. Tem uma musica que diz que quem mora na praia é rico. Acho bom demais morar aqui [Se referindo ao fato de morar na praia], não é 100% por causa da água. Do mar eu acho muito importante, porque o mar tem vários tipos de criação que na terra num tem. Quase tudo serve para comer. Tira o lodo [alga], o sustento do lodo. No mar a gente ver baleia, baleia azul. Tem tubarão pintado que para virar o barco é bem facim[facinho], tem a pata que mergulha e não se molha, tem boto. Tem o lava pé, um passarim [passarinho]de noite, tem uma mancha branca na cinturinha. Cada água, a fundura tem uma qualidade de peixe (Mauro, 40 anos).”

“O mar, eu admiro o mar (Marcia, 32 anos).”

“Eu acho bonito, todo canto tem beleza, coqueiro, mar (Fernanda, 25 anos).”

“O mar é bonito, tem muita coisa para tirar de dentro pra negrada, peixe, essas coisas (Macio, 64 anos).”

A bela praia e o mar da comunidade Apiques podem ser observados na Figura 15.

Figura 15- Praia de Apiques.



Fonte: Tiala Moraes (2011).

O mar assim como a terra e os coqueiros são muito valorizados pelo alimento que fornecem. Essa realidade condiz com o que a UNESCO (1973) traz sobre a percepção, pois nas falas a função do mar e dos coqueiros na vida de homens e mulheres está bastante explícita. A UNESCO considera que a percepção é influenciada pela função que o ambiente percebido exerce na vida de quem percebe.

Sobre os coqueiros revela-se:

“Coqueiro eu vejo tudo verde, acho que seja uma coisa bonita (Mario, 43 anos).”

“Um pé de coqueiro às vezes a gente vai botar uma panela no fogo, aí vai, pegar coco. Bebe a água. As pessoas que destroem as plantas, os coqueiro botando coco, as pessoas cortam (Paula, 28 anos).”

“A buniteza que tem é negócio de coqueiro (Macio, 64 anos).”

Quando falam de suas percepções sobre o meio ambiente, homens e mulheres incorporam também as belezas não naturais.

“Para mim eu acho bonito as coisas que a gente gosta, a união, às vezes, comemoração no colégio. As escolas que foram construídas são bonitas (Claudia, 42 anos).”

“O que eu admiro mesmo é a tranqüilidade que a gente tem, a liberdade, o respeito. O que eu acho feio mesmo é o desrespeito, mas é difícil acontecer isso (Eudes, 43 anos).”

“A minha comunidade acho bom, tenho a comunidade como a família. No começo da luta, a comunidade apoiou. Eu enfrentei tanta barreira e a comunidade nunca me deixou. Para mim minha maior felicidade é morar na comunidade, participar. Eu

saber que minha comunidade faz prece para minha saúde. Choro de felicidade (Ana, 64 anos).”

“Para mim é uma maravilha. Pelos tempo que passamo sofrendo nas unhas dos poderosos. Hoje o pouco que a gente faz é da gente. Antigamente a gente trabalhava muito, vinha o grande e levava. A comunidade tem defeitos, mas pelo uns ponto é muito diferente do que era antigo (Paulo,69 anos).”

“Eu acho minha comunidade importante. As comunidade junta, cada um conta seu assunto. Aqui dentro eu não tenho um intrigado [inimigo] (Silvia, 67 anos).”

“Aqui é bom porque aqui a gente pode levantar qualquer hora da noite e não tem medo de nada (Ruth,63 anos).

“Aqui onde eu moro é um lugar calmo, você pode meia noite sair que não vai acontecer nada com você. Tanto faz ser homem como mulher (João, 67 anos).”

As percepções negativas estão muito ligadas aos problemas ambientais, estes, são apontados como aspectos ruins e feios da comunidade. Fato que pode ser observado nas seguintes declarações:

“Percebo razoável, porque nem tudo tá 100%, mas também não tá 100% pior. Se a gente tivesse cuidado de dá cuidado o lixo, seria o paraíso. Teria lá no mundo paraíso melhor para a gente viver (Junior, 49 anos).”

“Eu acho que o meio ambiente não tá muito legal, porque existe muito lixo, onde a gente vai a gente ver muito resíduos sólidos que prejudica muito, muita sacola (Alice, 46 anos).”

“Acho mais ou menos. A água não tem um tratamento, não tem coleta de resíduos sólidos (João, 28 anos).”

“Não está bom, muitas vezes pode prejudicar nossa saúde. A gente tira água da bomba e a gente enterra lixo, isso pode prejudicar a água do nosso consumo (Jeane, 20 anos).”

A situação dos resíduos sólidos na comunidade Apiques foi retratada em algumas figuras na sessão sobre hábitos e costumes de homens mulheres, no entanto, seguem abaixo fotos que podem tornar essa realidade mais visível (Figura 16). Com a falta de coleta de lixo, cada morador dá aos resíduos sólidos o destino que considera mais adequado, dessa forma, algumas pessoas queimam.

Figura 16- Imagem do solo após queimada dos resíduos sólidos.



Fonte: Tiala Morais (2011).

As percepções negativas que não estão ligadas aos recursos naturais estão relacionadas aos direitos básicos não garantidos aos moradores da comunidade, como: atendimento de saúde, acesso a estradas de boa qualidade, transporte público de boa qualidade, educação e acesso a postos de trabalho.

“Deveria ser melhor em todas as partes, na saúde, no transporte (Mariana, 56 anos).”

“Tem que melhorar, tem que fazer algumas coisas, participação do poder público (Fausto, 58 anos).”

“O que é mais ruim mesmo é a assistência médica, você precisa e num tem (Jose, 52 anos).”

“Só o que acho que mais dificultoso é as coisas que a gente já falou, da estrada, as coisas do IBAMA, da SEMACE [...] (Mauro, 40 anos).”

“Falta transporte pros [para] aluno, falta posto[posto de saúde], não tem médico (Francisca, 58 anos).”

A partir da discussão trazida acima, identificam-se diversos elementos interessantes. Destaca-se primeiro o fato de homens e mulheres perceberem o meio ambiente não só em seus aspectos naturais, físicos e materiais, mas também, nos aspectos sociais e sentimentais, ou seja, na forma de conviver e no acesso a direitos. Além de perceberem sentimentos, os moradores deixam explícito que valorizam os mesmos. A identificação dessa relação entre a subjetividade e a percepção ambiental remete às palavras de Okamoto (2002), quando o mesmo afirma que a realidade não é percebida apenas pela objetividade, mas, também pela subjetividade.

No que se refere à negação de direitos, a falta de acesso à saúde é a mais citada, mas verifica-se também dificuldades relacionadas ao transporte, incorporando nessas dificuldades a má condição em que se encontram as estradas, principalmente no período de inverno. A qualidade da educação também foi questionada algumas vezes. Identificou-se também, uma insatisfação com a aplicação das leis ambientais por parte dos órgãos competentes, pois segundo alguns moradores as leis não são aplicadas da mesma forma para todos, beneficiando os mais abastados financeiramente.

Nas falas sobre a satisfação com a qualidade de vida na comunidade, percebe-se que as mulheres citam como um dos aspectos positivos da vida no local o lazer, exaltando o quanto gostam dos espaços vazios para andar, brincar e se divertir. Com base na vivência que a pesquisadora obteve na comunidade, pode-se dizer que a valorização do lazer está diretamente relacionada à preocupação com os filhos.

Em âmbito geral, considera-se que os moradores estão satisfeitos com a qualidade de vida na comunidade, pois, como foi dito no início da sessão, somando aqueles que classificam a vida como ótima e boa, encontra-se a maioria do grupo estudado, tanto no que se refere a homens, quanto no que se refere a mulheres. Contudo, analisando separadamente cada gênero encontra-se que as mulheres estão mais satisfeitas, visto que somam 69,2% as mulheres que classificam as condições de vida como ótima ou boa, enquanto para os homens o percentual é de 53,8%. É importante destacar que ninguém avalia a qualidade de vida no Apiques como péssima.

As insatisfações citadas por ambos os sexos estão muito relacionadas à falta de assistência do poder público, já que além das dificuldades já citadas de acesso a transporte, saúde e boa qualidade na educação, foram citados os problemas ambientais, que para serem resolvidos precisam não só da mudança de hábitos dos moradores, mas também de assistência do poder público. O destino dos resíduos sólidos é um dos problemas mais sérios da localidade e para ser solucionado é preciso que haja coleta de lixo, ou seja, é necessário que o poder público local disponibilize essa coleta.

4.3 O ÍNDICE DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Como mencionado anteriormente, o Índice de Percepção Ambiental foi calculado a partir de subíndices, sendo estes: hábitos e costumes (IHC), visão ambiental (IVA) e preocupação com o meio ambiente (IPMA). O seu propósito é possibilitar uma comparação entre mulheres e homens no que se refere a um aspecto tão complexo e com múltiplas dimensões como é o caso da percepção ambiental. A Figura 17 mostra os subíndices que compuseram o IPMA, bem como o próprio IPMA, para mulheres e homens da comunidade Apiques.

Figura 17- Índice e subíndices de Percepção Ambiental de mulheres e homens adultos da comunidade Apiques.



Fonte: dados da pesquisa (2011).

Analisando os resultados apresentados na Figura acima, percebe-se que as diferenças entre os subíndices para mulheres e homens são bem pequenas, encontrando-se a maior diferença no subíndice de preocupação com o meio ambiente onde se tem 0,605 para mulheres e 0,669 para homens.

Com relação ao Índice de Percepção Ambiental, pode-se dizer que a percepção ambiental dos moradores da comunidade Apiques classifica-se em um grau médio de percepção já que o Índice para mulheres é 0,625 e para os homens 0,644. Apesar de numericamente o Índice de Percepção Ambiental feminino ser menor que o masculino, a análise de gênero por meio de testes estatísticos afirma que não há diferença significativa entre os Índices de mulheres e homens. Dizer que não há diferença significativa quanto ao grau de percepção ambiental, não significa afirmar que mulheres e homens percebem o meio

ambiente da mesma forma, pois ambos podem se preocupar, se interessar, considerar importante as questões ambientais em mesmo grau, mas os motivos para essas percepções são diferentes. A construção do Índice é importante para análise estatística, pois como já mencionado, os dados qualitativos e quantitativos se complementam. O Índice não deve ser compreendido como soberano e único norteador de conclusões. Dessa forma, é importante buscar o que influencia homens e mulheres a ter esse grau de percepção ambiental.

4.4 Percepção Ambiental e História: a Visão dos Idosos

Durante as entrevistas com os idosos foi possível ter contato com a história da comunidade. Esta, não pode ser dissociada da história de luta pela terra¹³. Junto a trajetória de luta do Apiques, encontra-se a história do meio ambiente, as transformações ambientais ocorridas ao longo do tempo na comunidade. Sobre o passado Francisco de 65 anos e Tereza de 67 anos, revelam:

“Pra mim o presente tô achando melhor, o passado foi muito sofrido (Francisco).”

“Todo mundo era unido, por uns ponto o passado era melhor que agora (Tereza).”

A comunidade Apiques era habitada por poucas famílias, durante esse período surgiram os supostos “donos da terra¹⁴” que posteriormente transformaram-se nos patrões. Os relatos sobre essa fase da história são muito emocionados, pois vários entrevistados deixaram escorrer lágrimas dos olhos enquanto contavam os momentos de opressão vivenciados. Com relação à opressão dos patrões foi dito:

“De primeiro tinha muita perseguição. Dois patrão eram quem dominava o povo. A vontade deles era açoitar [castigar fisicamente]. Nós vivia ameaçado pelos patrão, aí vencemo (Pedro, 78 anos).”

“Nesse tempo tinha uns patrão perigoso, nesse tempo os pobe [pobre] brocava e só dava para os patrão. Nesse tempo os patrão judiava com os “pobe, tinha uns que até açoitava os pobe. Naquele tempo nois era mandado, hoje não somo. Os patrão é que queriam mandar o mundo (Joana, 79 anos).”

“A gente morava aqui fugindo dos patrão (Francisco, 65 anos).”

No período de opressão dos patrões não era permitida a construção de casas de tijolos, a plantação e a criação de animais. A plantação permitida era somente aquela

¹³ A luta pela terra no Assentamento Maceió se deu na década de 1980, época em que os movimentos sociais estavam emergindo fortemente no Brasil.

¹⁴ Segundo os entrevistados essas pessoas se diziam donos da terra e mesmo sem realmente possuírem as terras passaram anos dominando a comunidade através da força. Dominaram durante anos toda região onde encontra-se o Assentamento.

destinada aos patrões. Nos quintais dos moradores não era permitido nenhum tipo de frutífera, leguminosa e hortaliça, ou seja, nenhum tipo de vegetação voltada para alimentação. Devido a essas proibições e a obrigação de trabalhar no regime de meia, a pobreza era maior que atualmente.

“No tempo que a gente pagava a renda pro patrão, nós ficamos sem nada. Hoje o que faz é seu (João, 67 anos).”

“Os patrão, no tempo deles o caboco não tinha direito de plantar nem um coqueiro. Se fosse dá parte ia preso [Referindo-se ao fato de não poder reivindicar]. As casas era de palha, o chão de terra. Tinha puga grandona, muito bicho de pé (Pedro, 78 anos).”

Alguns idosos ressaltaram a situação de pobreza vivida no passado, revelaram dificuldades na alimentação, na aquisição de roupas e no transporte. No que diz respeito à alimentação e o transporte, foi dito:

“Só comia farinha com peixe, quando tinha peixe. Não tinha arroz e nem feijão (Tereza, 67 anos).”

“De primeiro aqui não possuía moto, bicicleta, era só o jumento, ou cavalo. Não tinha carro. Agora só tem uma pessoa que conheço que tem cavalo, a maioria é transporte. As estradas não tinha, só tinha vareta. Para ir para Itapipoca era de pé. Apanhava no mato murici segunda, terça, quarta e quinta de manhã [Iam para Itapipoca vender murici]. Ia quatro pessoas quinta a tarde para Itapipoca, chegava no domingo. Ia a pé. Por um lado melhorou, mais é mais arriscado, mas é uma coisa mais ligeiro, faz a viagem com mais rapidez (Francisco, 65 anos).”

Quanto à dificuldade para aquisição do vestuário Tereza diz:

“Hoje andar com roupa remendada? Hoje é tudo arrumado. Antigamente butava os tampo [remendo]. Andava nas casas pedindo uma perna de calça para fazer roupa pro menino. Na casa do meu pai, ninguém nunca andou pronto [Referindo-se a ausência de roupas de boa qualidade] (Tereza, 67 anos).”

A produção do vestuário era realizada no âmbito doméstico. O algodão era colhido e fiado pelas mulheres.

“Tirava o algodão, escarosava, abria, ia bater, afinar, fiava no fuso. Sete novelo para fazer uma rede (Tereza, 67 anos).”

Com relação à pobreza, as mulheres citaram as dificuldades vividas durante a gravidez e infância dos filhos.

“De primeiro as mãe e os pai era tão sofrido, os filhos se criava com angu. A gente criou os filho da gente, como Deus criou batata. Hoje é diferente, é o leite, a massa, a vitamina. As mulher não fazia pré-natal. Não tinha médico teve os menino, tudo em casa. Graças a Deus não morria mulher, morrer mulher, era coisa mais difícil do mundo. Pra umas coisa tá mais favorável essa era. Só não tá melhor porque não tem uma estrada, um posto [posto de saúde] (Tereza, 67 anos).”

“Era o angu do açúcar, leite de gegelim, leite de coco, rapava a rapadura fazia o mingalzinho (Maria, 60 anos).”

Sobre a educação no passado Joana de 79 anos revela:

“Hoje tem escola para todo mundo, nos meus tempo num tinha, ninguém se interessava na escola. Nem os pai da gente se interessava botar os filho pra estudar.”

Com o passar do tempo, cansados da opressão dos patrões e da situação de pobreza que viviam, os moradores resolveram se organizar e lutar pela terra. Essa luta foi relatada como um período de muita união não só dos moradores da comunidade Apiques, mas também de todo Assentamento. Quando os patrões perceberam a organização do povo, resolveram vender suas terras. A partir de então, o novo proprietário passa a ser o empresário Tasso Jereissate¹⁵ que tinha como objetivo transformar a área em enormes plantações de coco. Sobre o período de luta foi dito:

“Nós começamos uma celebração para lutar por nossos direito. Aí venderam pro Tasso, para mó do Tasso encher de coqueiro e ele não ia deixar ninguém aqui dentro. Ele prometia 100 emprego fixo. E os outros? Arrumemo advogado, se organizemo. Iam para o INCRA, o Tasso nunca se apresentava, mas ia os peru dele. Demorou uns tempo, foi difícil, só não foi mais difícil porque nois se organizemo, mas graças a Deus não teve morte não (Pedro, 78 anos).”

“Aqui foi uma luta da comunidade. O Tasso Jereissate comprou isso aqui. Aí a gente se juntou e expulsou o homi daqui. O povão se revoltaram, saia daqui com enxada, foice. Aí ele ficou de lá para baixo e nois ficamo pra riba (Francisco, 65 anos).”

Com a organização popular foi conseguida a desapropriação da terra, sobre a conquista da terra e as ansiedades futuras Pedro diz:

“Depois da terra desapropriada vei os projeto, para plantar cajueiro, coqueiro. Era um empréstimo, aí a gente ia pegando. Ninguém sabe como vai ser para frente. Ficaram de vim dá a posse dá terra. O aditame [Regulamento] deles era dividir [lotear]. Mas num vieram nem titular a terra (Pedro, 78 anos).”

4.4.1 A História do Meio Ambiente na Comunidade Apiques

Nos relatos sobre o meio ambiente no passado, os moradores destacam principalmente a riqueza da flora e da fauna refletida na quantidade de mata, na quantidade e diversidade de animais. Segundo os entrevistados a comunidade possuía muita mata, muitas cobras e uma grande diversidade de pássaros. Para alguns, a quantidade de peixe também era maior no passado. A redução da mata e da diversidade de animais foi atribuída ao crescimento populacional do local e à falta de conscientização ambiental por parte dos moradores. A respeito do impacto do crescimento populacional sobre a natureza local, afirma-se:

¹⁵Tasso Jereissate, além de empresário, foi governador do Ceará por 12 anos em três mandatos (1987-1991; 1995-1999; 1999-2002). Os governos de Tasso fizeram parte do ciclo dos “Governos das Mudanças” voltados para modernização política e implantação do neoliberalismo. Os anos de governo de Tasso são marcados pela repressão dos movimentos sociais, bem como, desqualificação e desmobilização dos mesmos (ESMERALDO E SAID, p.234-236, 2009).

“Eu achava mais mió nesse tempo, a natureza tinha mais resistência, a gente era mais pouco, hoje é muita gente para agredir a natureza (Pedro, 78 anos).”

Com relação à vegetação local, foi revelado que a comunidade além de possuir mata mais densa, possuía muitas frutíferas em meio a essa mata, sendo assim, a coleta de frutas não era realizada apenas nos quintais, mas também no meio dessa vegetação.

“De primeiro os cajueiro era nos mato, nois menino ia juntar caju, castanha (Pedro, 78 anos).”

“Tinha mais fruta, não tinha lagarta. Ia buscar fruta no mato, nesse tempo nunca tinha laranja. Tinha bananeira, mangueira e coqueiro. Caju tinha (Tereza, 67 anos).”

“Tinha muito pé [Referindo-se a quantidade de murici], mais por causa do desmatamento diminuiu (Francisco, 65 anos).”

“Eu acho que tem uma qualidade de fruta que não tem mais. Essas qualidade por aí não alcancei mais. Croatá [Refere-se a uma fruta local] tinha demais, ainda tem, mais é menos (Carlos, 86 anos).”

Foi revelado ainda que as dunas avançaram sobre parte da mata existente anteriormente, inclusive acredita-se que no local onde as dunas se encontram atualmente residiam índios. Alguns moradores afirmam que foram encontrados objetos como pratos, panelas, copos que pertenciam a comunidades antigas, estas, seriam comunidades indígenas.

Nas falas desses moradores percebe-se que há uma pertença étnica que não foi relatada por muitos entrevistados, mas que merece investigação futura, pois sabe-se que a construção social feminina e masculina está diretamente relacionada com a etnia. Ser mulher indígena ou homem indígena implica em uma vivência diferenciada com a natureza, bem como, com a luta pela terra e pela superação das desigualdades sociais.

“O morro acabou com muito mato. O morro entupindo. Onde nois morava o morro comeu tudim. A minha tratavó diz que era índia. A mãe da minha bisavó (Joana, 79 anos).”

“No tempo dos meus avó era mato. Não existia os morro, aí vai subindo os morrão branco. Meu avó, diz que os pai era uns tal de índio. Quando os morro começaram a subir, começaram aparecer uns prato, que diz que era desses índio. Mas não alcancei esses tempo (Carlos, 86 anos).”

Sobre as características da mata, foi dito:

“Aqui tinha muito mato, mata, tinha porque os patrão não deixava bulir [Referindo-se ao fato dos patrões não deixarem desmatar]. Depois que passou para a mão da comunidade o pessoal não respeita mais a natureza (Francisco, 65 anos).”

“Nesse tempo tinha mato, mais o pessoal devoraram [desmataram] muito, hoje é só uma capoeirinha. É muita gente (Carlos, 86 anos).”

“Isso aqui não era duna, era só mato. O mato era tão alto, quase não tinha casa. Tinha muita cobra (Tereza, 67 anos).”

Comparando as características do mar no passado e na atualidade os moradores afirmam que o mar avançou bastante fazendo com que famílias que moravam na praia tivessem que se mudar, recuando suas casas. Além do avanço do mar, afirmou-se que a quantidade e a diversidade de peixes diminuiu ao longo dos anos.

“O mar aumentou muito desse tempo pra cá. Peixe dava muito nos curral. Tinha muito peixe, toda qualidade de peixe, hoje tem que ir pescar lá fora (Joana, 79 anos).”

“[...] tinha muito peixe, hoje é mais pouco. O mar aumentou, o mar tomou as casas e se mudaram. O mar devora muita terra (Carlos, 86 anos).”

“Hoje tá mais pouco [Sobre o peixe]. Acabosse o cação, dou cem reais para quem conseguir pegar um cação (Pedro, 78 anos).”

“Tinha muito peixe. Hoje tá diminuindo. Tinha os curral, enchia de peixe. As maré era contada, cada semana era de um. Tinha fartura de peixe e falta de muita coisa. Hoje tem camurupim mais é mais difícil que antigamente. Hoje é muita gente para comer (Tereza, 67 anos).”

No que diz respeito à fauna, além da redução de peixes, foi ressaltada a diminuição da quantidade e diversidade de pássaros e de cobras. Algumas pessoas afirmaram também, que há uma redução no número de raposa, soim e guaxinim. Sobre a redução de pássaros foi dito:

“Tinha caiem, jacu, um bocado de Passarim [passarinho], agora não tem mais. Eu acho que acabosse porque nesse tempo tinha um mato fechado [Referindo-se a mata densa]. O mato era mais cerrado. Hoje eles querem [preservar], o IBAMA. Por um lado eu acho certo, mas não sei se a gente pode passar sem agredir a natureza (Pedro, 78 anos).”

“Tinha um bocado de Passarim [passarinho] foro se embora. Sabiá, gangorra, curupião, canário, rolinha, juriti, graúna. Com o tempo se sumiram. Ninguém mais viu falar de caiem [pássaro], preto com branco (Tereza, 67 anos).”

“Os Passarim [passarinho] não tem mais onde sossegarem, aí se espanta (Francisco, 65 anos).”

“Tinha umas qualidade de pássaro que não tem mais, jandaia, papa arroz, canário amarelo. Se sumiu (Carlos, 86 anos).”

Quanto à diversidade de cobras os moradores dizem:

“Cobra de coral, cobra de veado, cobra preta, cobra de cipó, tinha mais, porque nesse tempo tinha mata, o mato fechava de um lado pro outro, hoje é só casa e cercado. Tinha muita cobra (Tereza, 67 anos).”

“Tinha mais cobra, cobra preta que é valente, ainda existe, mais tinha mais. Tinha uma tal cascavel que era a mais perigosa, mas essa qualidade de cobra se acabou. (Carlos, 86 anos).”

“Cobra, tinha onde elas morasse. Agora não tem. Tem mais é pouquinho. Hoje tudo é friviado [mexido] (Francisco, 65 anos).”

Sobre animais como guaxinin, soim e raposa a opinião dos idosos é assim expressa:

“Guaxini tem mais pouco. Raposa diminuiu porque se espantaram por causa do mato [Refere-se ao fato das raposas terem sumido após desmatamento]. Boli [mexe] aí se espantam (Francisco, 65 anos).”

“[...] soim tem menos. Todas as coisas diminuiu (Carlos, 86 anos).”

Sobre um passado mais recente foi dito que havia muitos porcos na comunidade, esses eram criados soltos e causavam diversos transtornos, poluíam a praia e emanavam mau cheiro. Incomodados com a situação os moradores se reuniram e coletivamente criaram regras com relação à criação de porcos, desde então, os porcos só podem ser criados presos.

“Porco tinha era muito, a gente fez uma reunião e não aceitamos mais (Francisco, 65 anos).”

No que diz respeito às pragas presentes em plantações, percebeu-se que anos atrás essas pragas eram menos incidentes. Atualmente existem pragas que atacam o feijão e o cajueiro. Em alguns quintais surgiram também lagartas que destruíram principalmente as hortas. Sobre as pragas Maria de 60 anos, afirma:

“De primeiro ninguém via negócio de nada [Referindo-se a inexistência de pragas no passado].”

Durante as entrevistas, percebeu-se que a discussão sobre as questões ambientais são recentes na comunidade.

“Ninguém tinha esses negócio de meio ambiente [Referindo-se ao fato de não existirem discussões sobre o meio ambiente no passado] (Pedro, 78 anos).”

Estabelecendo um comparativo entre o passado e o presente, os moradores apontam como uma característica positiva do passado a união da comunidade, pois segundo eles essa união vem sendo dissolvida ao longo dos anos. Todos os idosos entrevistados percebem a comunidade como menos unida do que no passado. Já com relação aos aspectos positivos do presente foram citados aqueles relacionados à infra-estrutura local e as melhores condições financeiras. Apesar de reconhecerem que o transporte na comunidade ainda está longe do ideal, afirmam que melhorou bastante, pois no passado não haviam carros, nem estradas. A chegada de luz elétrica e a aquisição de casas de tijolo também são consideradas conquistas positivas. Quanto às condições financeiras, muitos idosos citaram o direito à aposentadoria e a participação em políticas de transferência de renda como elementos que contribuíram para a melhora financeira.

Sobre as expectativas para o futuro, existe a vontade que ocorram coisas boas. A maioria dos idosos que participaram desse trabalho deseja ver novamente a união que existia no passado. Esses desejos podem ser observados nas seguintes declarações:

“O que eu esperava era que a gente continuasse unido como antes. Para a gente viver bem tem que se unir, aí vejo o povo se dividir. Eu gostaria de ver a união, todo mundo trabalhar unido, não é para ter nem um mais que os outros (Pedro, 78 anos).”

“Mas miora pra nós em tudo por tudo, que as coisa corresse bem, tudo de bondade pra nois (Joana, 79 anos).”

“Eu gostava se visse o povo da comunidade unido, antigamente era uma coisa bonita. Hoje tô achando tão espalhado, tão descontraído. Tô achando muito desanimado. Logo a mulher mais de frente, mais de luta Deus levou. Aí enfraqueceu. Nazaré Flor¹⁶. Ela andava muito, era uma mulher destemida, forte. Teve sorte que nunca teve filho para empalhar. Era uma mulher forte para luta. Têm outras que nem dá bera do fogo saí. É bom a pessoa podendo, sabendo andar. Conhece muita coisa, só dentro de casa não conhece nada (Carlos, 86 anos).”

As palavras de Carlos sobre Nazaré Flor apontam uma visão diferenciada da visão tradicional sobre as mulheres, trazem a força e a luta como características femininas. Nazaré representa a luta das mulheres da comunidade Apiques, é reconhecida no Assentamento como a maior liderança feminina que a localidade teve.

As entrevistas com os idosos revelam uma enorme admiração e afeto para com a natureza local e a comunidade. Verificam-se esses sentimentos nas seguintes declarações:

“A natureza é uma coisa importante, é um bem estar que Deus deixou para nós. Devemos ter respeito, não istruir [desperdiçar] nem devastar a natureza. A natureza é como uma mãe nossa, de todo mundo, todo mundo tem que viver da natureza. O mar é natureza também, a divisão é só que o mar é água e a terra é terra. Deus deixou o mar para a gente tirar o sustento. É perigoso, as embarcação some e ninguém acha. Na terra é mais fácil. É muito arriscado [Referindo-se ao fato de ser perigoso sair para pescar no mar]. Na terra planta e só vai comer depois, no mar entra de manhã, de tarde já tem o que cumé para uns pouco de dia (Pedro, 78 anos).”

“O mar, as plantas, eu admiro muito, se a gente fosse pensar, analisar, a gente admirava muito. Até um pé de coqueiro eu admiro. Você plantar um coco e nascer um pé grande desse. Tudo da natureza eu acho bonito (Ana, 64 anos).”

“Acho bonito e acho bom, adoro muito meu lugar [...] Eu acho o mar uma coisa boa, uma riqueza, ajuda a gente muito. O peixe a gente vai num dia, no outro já tem de comer (Carlos, 86 anos).”

“A terra é boa porque planta o alimento. No mar ninguém planta, mais vai buscar, só butando pro seco. Mais é um misturado com o outro, são três ligação: o céu, o mar e a terra (Francisco, 65 anos).”

¹⁶ Maria Nazaré de Sousa (Nazaré Flor). Nasceu na comunidade Apiques, no Assentamento Maceió em Itapipoca, Nazaré se destacou como liderança rural, poeta e cantora, participou ativamente dos processos de organização das mulheres trabalhadoras rurais desde a década de 1980. Foi uma das mulheres brasileiras que participou da VI Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Beijing (China).

Sobre o prazer de viver na comunidade Apiques:

“Aqui se a gente não tiver, um amigo traz a goma, a farinha, a batata. Lá na Itapipoca se não tiver dinheiro não toma um café (Maria, 60 anos).”

“A minha comunidade acho bom, tenho a comunidade como a família. No começo da luta, a comunidade apoiou. Eu enfrentei tanta barreira e a comunidade nunca me deixou. Para mim minha maior felicidade é morar na comunidade, participar. Eu saber que minha comunidade faz prece para minha saúde, choro de felicidade. A gente veve [vive] tranqüilo mora em casa própria, água daqui não tem poluição, ave maria! Minha vida aqui no interior é um mar de rosa (Ana, 64 anos).”

“É bom demais, eu acho muito bom. Lá em Itapipoca pedi um limão, o homi [homem] disse que num dava, vendia. Na Baleia é só casa de rico, turista. Aqui nois não quer que aconteça isso não (Francisco, 65 anos).”

A partir do exposto, percebe-se que a comunidade Apiques cresceu nos últimos anos, visto que o número de habitantes aumentou. Esse crescimento trouxe avanços, mas também problemas. Com o aumento populacional, com a união e luta foi possível pressionar o poder público para algumas aquisições, entre elas a construção de estrada e implantação de energia elétrica. Vale ressaltar que a estrada foi construída, mas que está em péssimo estado, o que torna o acesso à comunidade difícil.

Pode ser percebido também, que apesar de o acesso ao atendimento de saúde ainda está muito precário. Com relação ao passado houve avanços, pois atualmente quando há necessidade, a ambulância pertencente ao distrito da Baleia realiza o atendimento e transporte dos pacientes. Além disso, na comunidade existe a assistência de agentes de saúde e também de enfermeiros que realizam visitas para aplicar vacinas nos períodos de campanhas de vacinação. É importante reconhecer esses avanços, mas também, destacar que são ainda insuficientes, pois nem sempre a ambulância vai à comunidade quando solicitada, muitas vezes vai, mas demora bastante. Com relação aos agentes de saúde, o número é insuficiente para atender toda a comunidade. Quanto às visitas dos enfermeiros, estas não são frequentes e algumas vezes são marcadas, mas não acontecem.

No que diz respeito às transformações ambientais, percebeu-se que grande parte do desmatamento foi causado pelo aumento do número de pessoas, com esse aumento, foi necessária a expansão das moradias e das plantações, o que gerou uma redução não só da mata, mas também de animais. Já a redução dos peixes parece ter sido causada pela pesca predatória de grandes barcos que não fazem parte da comunidade, mas pescam no local.

4.5 CRENÇAS E LENDAS: UMA PERCEPÇÃO LÚDICA

Durante a vivência na comunidade Apiques percebeu-se que existem diversas lendas e crenças relacionadas aos elementos da natureza, revelando uma percepção lúdica dos moradores. Acredita-se que essa ludicidade é um elemento importante para o estudo da percepção ambiental, visto que está ancorada na cultura local e na subjetividade de cada indivíduo, dessa forma, os mitos também são estruturantes das relações sociais. As lendas são contadas tanto por idosos quanto por jovens, em grande parte das vezes são contadas como parte da realidade e não como algo lendário. Dentre as lendas ouvidas estão: assobiador, morro do dinheiro, sereia, mulher cachorro e lobisomem.

As lendas mais comentadas são a do assobiador e a do morro do dinheiro. Muitas pessoas revelam já ter ouvido o assobiador. Uma das explicações sobre a história do assobiador é que trata-se de um homem que matou o pai e virou pássaro, como castigo por ter assassinado o próprio pai vive voando e carregando o pai nas costas. Quando tal pássaro está exausto de tanto carregar o pai, pára põe o pai no chão e começa assobiar, retomando o vôo em seguida. As pessoas afirmam que o assobio de tal pássaro é diferente do assobio de uma pessoa comum, pois causa grande arrepio.

Quanto ao morro do dinheiro, foi dito que existe um morro amarelo entre as dunas que foi causador da riqueza de um homem, dizem que um fantasma convidou este homem a ir até o morro a meia noite para receber uma fortuna. Chegando lá a fortuna estava enterrada, após ser retirada, o morro deixou de ser morro, passando apenas a um espaço coberto de areia amarela. Quanto ao horário em que a pessoa teria encontrado o fantasma para receber o dinheiro existem controvérsias, pois alguns moradores dizem que o ocorrido foi a meia noite e outros afirmam ter sido meio dia. Algumas pessoas acreditam que lá ainda há dinheiro enterrado. Com relação a essa lenda, Carlos de 86 anos, diz:

“Esse morro do dinheiro diz que depois que tiraram esse dinheiro o morro se acabou. Eu acredito porque um morro desse se acabar, tinha dinheiro.”

No que se refere à lenda da sereia, alguns pescadores afirmam que sereias existem e que seus cantos causam a morte de quem os escuta. Sobre a existência de sereias foi dito:

“Sereia nunca vi não, mas acho que tem. Se você escutar a voz de uma sereia cantar no mar, você não tem mais dias de vida, no outro dia morre (Carlos, 86 anos).”

“Falava meus tio que existia uma tal de sereia (João, 43 anos).”

Com relação à lenda da mulher cachorro, foi revelado que no passado aparecia um cachorro que latia forte e comia as galinhas, esse cachorro aparecia à noite, fazia bastante barulho e invadia o galinheiro. Um certo dia o dono de galinheiro jurou matar o animal, se armou e matou. Após ter matado o cachorro, percebeu que se tratava de um animal estranho com corpo dividido, metade mulher e metade cachorro. Outra lenda revelada por algumas pessoas é a do lobisomem. No passado surgia uma criatura na mata durante a noite, essa criatura seria um grande lobo, assustador. Esse lobo era um homem que no meio da noite se transformava em um enorme lobo.

Além das lendas acima citadas, foram percebidas crenças interessantes acerca da natureza local, muitas delas relacionadas ao mar. Sobre a dinâmica do mar foi dito:

“Coisa linda o mar, sabe rolar, secar, encher. Saber um dia de santo, no dia de santo o mar rola, na véspera de natal. É uma coisa interessante que muita gente não dá valor. É um mistério de Deus (Ana, 64 anos).”

Quando Ana fala que o mar rola no natal e em dia de santo ela quer dizer que especialmente nesses dias o mar fica bravo. A respeito do mar e da terra Francisco diz:

“O mar é um moço rico. E a terra é minha mãezinha terra. Mãe de todo mundo (Francisco, 65 anos).

Ainda com relação às crenças a respeito do mar, alguns pescadores acreditam que existem animais bastante perigosos na imensidão das águas. Para Carlos de 86 anos a baleia pode ser muito perigosa para as embarcações. O pescador afirma que:

“De primeiro tinha uns peixe monstro, um tal de baleia que afunda um navio. Povo diz que cresce pega com as pernas e afunda o barco, tem muita força. Grandão assim nunca vi não.”

Outra crença percebida durante a vivência na comunidade é de que no mar existem proteções espirituais para os pescadores. Em conversa com um pescador foi revelado que existe um barco que acompanha os pescadores desde águas profundas até as rasas. Tal barco quando chega perto da terra desaparece, pois seu objetivo era trazer os pescadores salvos para terra firme.

A partir do exposto entende-se que a percepção ambiental é influenciada, também, pelas crenças e lendas, pois sentimentos como o respeito, a admiração e o medo são construídos a partir daquilo em que se acredita. Por exemplo, uma pessoa que acredita ser filha da terra, provavelmente terá mais cuidado para não degradá-la. Sobre essa relação sentimental com os elementos da natureza, o cuidado pela terra, Célia diz:

“Se você não cuidar dela ela morre e a pior coisa que tem é ficar sem mãe. Você vai envenenar sua mãe? Você vai queimar sua mãe? É a mesma coisa, a terra é a mãe, não vejo nenhuma diferença da nossa mãe para a terra. É na terra que moro, é na terra que piso. A terra é um dom de Deus (Célia, 56 anos).”

A partir do discurso dos moradores da comunidade Apiques, entende-se que as crenças estão diretamente relacionadas com os sentimentos pelo meio ambiente, a percepção ambiental e as atitudes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apontou aproximações e diferenças entre a percepção ambiental de mulheres e homens. Em meio aos resultados encontram-se aspectos que confirmam elementos trazidos pela teoria, assim como, identificam-se aspectos que não condizem com alguns pressupostos teóricos.

A análise do perfil de mulheres e homens permitiu perceber que a divisão sexual do trabalho na comunidade Apiques ainda se mantém forte, apesar das mulheres estarem presentes nos espaços públicos e participarem ativamente das discussões políticas. As mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e quando desenvolvem trabalhos remunerados, estes, estão fortemente atrelados às atividades reprodutivas. Dentre essas atividades estão: rendeira, professora e auxiliar de enfermagem.

Na análise dos hábitos e costumes, os resultados mostraram uma forte semelhança entre homens e mulheres nas seguintes variáveis: resíduos sólidos, água e energia. As mulheres percebem os danos causados ao meio ambiente com maior frequência que os homens. Este comportamento, no entanto, demanda uma análise mais aprofundada, pois pode indicar um maior rigor adotado pelas mulheres ao avaliar seu próprio padrão de comportamento ou, ainda, que as mulheres percebem melhor as atividades que causam dano ambiental, e assim possuem uma percepção mais consolidada em relação às questões ambientais. No entanto, essas reflexões são apenas suposições que só podem ser confirmadas em uma análise mais profunda.

A partir das percepções dos moradores, entende-se que o maior dano causado por mulheres e homens na comunidade é consequência do tratamento dado aos resíduos sólidos. A maioria dos homens e mulheres tem o hábito de jogar resíduos sólidos no chão mesmo tendo a consciência de que esse ato causa danos ao meio ambiente.

Essa mesma maioria nunca economiza água, isso porque consideram que há fartura de água na comunidade e porque não pagam água, já que a água utilizada é proveniente de poço. Esse comportamento e essa percepção sobre a água mostram que os moradores da comunidade, em sua maioria, não percebem que a água potável é um recurso natural finito e que precisa ser utilizado com economia. Já com relação à economia de energia, a maior parte dos moradores economiza energia, no entanto, o motivo para economia não é ambiental, mas sim financeiro, pois os moradores afirmaram que quanto mais gastam mais pagam. Nessa variável a diferença entre homens e mulheres é maior do que no caso dos

resíduos sólidos e da água, os percentuais apontam que as mulheres economizam menos energia do que os homens.

Quanto ao uso de agroquímicos, há uma conscientização feminina maior do que a masculina, pois o número de mulheres que afirmou evitar sempre o uso de agrotóxicos é expressivamente maior do que o número de homens.

Quanto à visão ambiental, os resultados apontaram que, em âmbito geral, os moradores da comunidade Apiques conseguem perceber os problemas ambientais existentes na comunidade e possuem uma ampla visão de meio ambiente, visto que conseguem percebê-lo para além dos aspectos naturais. Os moradores visualizam problemas como a violência, o êxodo rural, a pobreza, o excesso de consumo e a precariedade no atendimento de saúde local como problemas ambientais, rompendo com a visão reduzida de que os problemas ambientais são aqueles relacionados somente a elementos naturais, como plantas e animais. As mulheres se referem mais à família e aos problemas da saúde na comunidade, enquanto os homens se pronunciam mais sobre as leis ambientais e a violência perpetrada pelas autoridades.

Os dados revelaram que a maioria dos homens e mulheres considera o meio ambiente importante, estão interessados pelas questões ambientais, mas ao mesmo tempo não executam ações positivas para com o meio ambiente.

A análise realizada a partir do Índice de Percepção Ambiental (IPA) revelou que o grau de percepção ambiental para homens e mulheres é médio, já que o IPA para mulheres é 0,625 e para os homens 0,644. Apesar de numericamente serem diferentes, a análise de gênero por meio de testes estatísticos afirma que não há diferença significativa entre os Índices de mulheres e homens. A diferença numérica não é estatisticamente significativa, no entanto, não se pode dizer que ambos percebem o meio ambiente da mesma forma, pois as motivações, interesses e valores que norteiam essas percepções são diferentes. Com relação a essas motivações, as mulheres demonstraram está mais preocupadas com o bem-estar da comunidade do que os homens, fato que influencia suas percepções. Quando falavam sobre como enxergam o meio ambiente, por diversas vezes as mulheres citaram a comunidade reportando-se tanto aos aspectos positivos da convivência como aos problemas que afetam a vida no local. Essa constatação não está negando as falas dos homens sobre a comunidade, mas sim apontando que nas falas femininas a preocupação com o coletivo aparece mais fortemente.

A história contada pelos idosos revelou que no passado os moradores viveram forte opressão dos patrões. A percepção ambiental dos idosos é de que em alguns aspectos a vida na comunidade melhorou e em outros piorou. Como avanços foram citados a liberdade e

a conquista de infraestrutura, como luz e casas de tijolo. A redução da pobreza também foi um fato percebido a partir da percepção ambiental dos idosos. Como retrocesso identificou-se a redução da união na comunidade, a redução de áreas de mata densa e a redução da diversidade e quantidade de animais. Ainda quanto às mudanças ambientais, identificou-se um relevante avanço do mar, causando o deslocamento de famílias que habitavam a praia em tempos passados. Os resultados revelaram ainda, um aumento no aparecimento de pragas e lagartas que prejudicam as plantações. É importante destacar que houve avanços na infra-estrutura, mas esses ainda são insuficientes.

É consenso nas declarações de mulheres e homens que nos últimos anos houve acelerado crescimento populacional, este, é visto por ambos os sexos como um dos causadores dos impactos ambientais citados acima. Além do crescimento da população, os idosos acreditam que há também uma falta de consciência ambiental na comunidade.

Nas falas das mulheres idosas sobre o passado encontram-se elementos que reforçam mais uma vez que há uma forte divisão sexual do trabalho, pois elas ao se reportarem ao passado descrevem as dificuldades vivenciadas para criar os filhos, realizar o trabalho doméstico e produzir o vestuário. É importante destacar também, que algumas mulheres demonstraram dificuldades em se expressar, o que justifica mais falas masculinas do que femininas em algumas variáveis analisadas no presente trabalho. Considera-se que essa dificuldade de expressão deve-se a uma cultura machista e dualística que impõe o espaço privado para as mulheres e o público para os homens. Dessa forma, os homens possuem mais facilidade para falar, pois no mundo público a prática do discurso é exercida com mais frequência. Na cultura machista as mulheres são educadas para silenciar.

A discussão sobre as crenças e lendas confirmou o que a literatura traz quanto à influência da subjetividade sobre a percepção ambiental, pois identificou-se uma relação sentimental e de respeito de mulheres e homens para com os elementos da natureza, assim como, para com o meio ambiente em geral. Esses sentimentos e esse respeito influenciam diretamente as ações, visto que apesar da conduta ambiental dos moradores estar longe do ideal, há um esforço para realizar ações positivas e para fortalecer a consciência ambiental. Esse esforço foi diversas vezes justificado por essa relação sentimental.

Quanto à análise de gênero, não é possível afirmar que mulheres percebem melhor o meio ambiente do que homens ou vice-versa. A hipótese de alguns estudos sobre uma maior percepção ambiental das mulheres não se confirma nessa análise, o que não significa que esses estudos estejam equivocados, pois sabe-se que os resultados do presente trabalho não são universais, mas sim referentes a uma amostra e ao caso da comunidade Apiques.

No entanto, a pesquisa foi importante para compreender a visão dos moradores da comunidade Apiques sobre o ambiente onde vivem, bem como, para identificar semelhanças e diferenças entre os pensamentos femininos e masculinos. O Índice apontou forte semelhança quanto ao grau de percepção de mulheres e homens. No entanto, os motivos pelos quais ambos os sexos se preocupam, se interessam ou consideram importante o meio ambiente são diferentes e apontam elementos para a reflexão de gênero.

Em suas falas as mulheres citaram mais os filhos e a comunidade do que os homens. Isso pode ser um indício de que o papel social de mãe desempenhado por essas mulheres influencia a forma como as mesmas percebem o meio ambiente, pois quanto ao interesse pelas questões ambientais os filhos e a comunidade foram citados. Essas mulheres preocupam-se com o futuro dos filhos e da comunidade, preocupam-se com a escassez de recursos naturais no futuro e com as conseqüências que essa escassez pode gerar. Os homens também revelaram estar preocupados com os filhos, no entanto em menor grau que as mulheres, principalmente em se tratando dos interesses coletivos, ou seja, da comunidade. O fato das mulheres terem mencionado a comunidade em suas preocupações e os homens não, pode também ser algo influenciado pelo papel de “cuidar” atribuído historicamente as mulheres. Dessa forma, elas acabam tendo mais cuidado não só pela família, mas pela comunidade inteira.

A partir desse estudo, acredita-se que é essencial que a construção de políticas públicas aconteça a partir das necessidades da população. No caso do Apiques entende-se que as percepções aqui reveladas podem contribuir para a construção de políticas públicas voltadas para o atendimento das necessidades básicas dos moradores, como saúde, educação e transporte. A percepção ambiental de mulheres e homens permite a identificação de diversos problemas que para serem solucionados necessitam não só, de mudanças de hábitos e conscientização ambiental, mas também da presença do poder público. Outra necessidade é a incorporação das questões de gênero na assistência técnica, esta, deve considerar visões masculinas e femininas.

Diante dos resultados obtidos no estudo surgiram reflexões que podem ser aprofundadas em estudos posteriores: as mulheres incluem a família em suas declarações por conta da divisão sexual do trabalho? Os homens falam da violência perpetrada pelas autoridades porque vivenciam mais o mundo público do que o espaço privado? Por que será que os homens se pronunciam mais a respeito das leis ambientais do que as mulheres? O que leva as mulheres a se preocuparem tanto com as questões relacionadas à saúde?

Não se pretende aqui responder a todos esses questionamentos, mas sim levantar reflexões e apontar possíveis respostas. A partir da vivência na comunidade e das declarações de mulheres e homens, acredita-se que a divisão sexual do trabalho pode ser forte influenciadora das visões femininas e masculinas sobre o meio ambiente, pois suas visões estão diretamente ligadas aos papéis sociais impostos para cada gênero.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ADDISON, Ester Eloisa. **A percepção ambiental da população do município Florianópolis em relação à cidade.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

AGUIAR, Maria Virgínia; SILIPRANDI, Emma; PACHECO, Maria Emília. **Mulheres no congresso brasileiro de agroecologia.** Rev. Agriculturas, v.6, n. 4, dez. 2009. Disponível em: < http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/mulheres-construindo-a-agroecologia/mulheres-no-congresso-brasileiro-de-agroecologia/at_download/article_pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2010.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas.** In: O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa qualitativa. ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. 2 ed. São Paulo: Thomson, 2004.

ARACI, Nilza. Gênero e meio ambiente - Qual a sustentabilidade possível? Posfácio. **In: Gênero e Meio Ambiente.** CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas.** 16 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1990.

BRAGA, Tânia Moreira; FREITAS, Ana Paula Gonçalves de; DUARTE, Gabriela de Souza; CAREPA-SOUZA, Júlio. **Índices de Sustentabilidade Municipal: o desafio de mensurar.** Rev. Nova Economia, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n3/140301.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2011.

CAJADO, Diana Mendes. Multifuncionalidade. **Pluriatividade e pesca artesanal: um estudo de caso da comunidade Apiques, Assentamento Maceió – Itapipoca- CE,** Fortaleza, 2010. 70f. Monografia (Graduação em Engenharia de Pesca)- Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CAJADO, Diana Mendes. Vivência no assentamento Maceió-Itapipoca-CE: caracterização das famílias de pescadores artesanais da comunidade Apiques. In: Congresso Brasileiro de Engenharia de Pesca, 26, 2009, Natal-RN. **Anais...** Natal- RN, 2009.

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais.** In: Serviço Social em Revista, Ed. UEL, Londrina, v. 3, n.2, p. 119-245, Jan.\jun. 2001.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e meio ambiente.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

COLLING, Ana Maria. **A construção histórica do masculino e do feminino.** In: Gênero e cultura: questões contemporâneas. Organizadoras: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sônia T.

Lisboa; PREHN, Denise R. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Disponível em: <www.books.google.com>, acesso em: 20 de abril de 2011.

DI CIOMMO, R. C.; CIOMMO, R. C.. Relações de Gênero, **Meio Ambiente e a Teoria da Complexidade**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: UFSC-CFH, v. 11, n. 2, p. 423-444, 2003.

ESMERALDO, Gema Galgani S. L; SAID, Magnólia Azevedo. **Conselho Cearense de Direitos da Mulher\CCDM-Espaço de Interlocação entre as Demandas dos Movimentos de Mulheres e o Estado**. In: Curso de Formação em Gestão Democrática para as Mulheres. Módulo II. Fortaleza-CE, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Coordenação de Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5ed, Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático**. In: Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade. FILHO, José Camilo dos Santos; GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, Claudia. **Uma genealogia do “gênero”**. In: Pesquisando Gênero e Família. Revista de Antropologia. Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, Grupo Família e Gênero, 1996. Org. Russel Parry Scott.

FREITAS, Rafael Estrela; RIBEIRO, Karla Cristina Campos. Educação e percepção ambiental para conservação do meio ambiente na cidade de Manaus: uma análise dos processos educacionais no centro municipal de educação infantil eliakin rufino. **Rev. Eletrônica Aboré- Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo**, Manaus, 3 ed. Nov. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos_3/Rafael%20Estrela%20de%20Freitas.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2010.

FRITJOF, Capra. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. Ed. Cultrix, 1982.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Nas Trilhas da qualidade: algumas idéias, visões e conceitos sobre qualidade ambiental e de vida. Rev. **Geosul**, Florianópolis, v. 20, n.40, p. 7-26, jul.\dez. 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Percepção ambiental: paisagens e valores. **Rev. OLAM-Ciência e Tecnologia**, janeiro-julho, 2009. Rio Claro-SP, vol. 9, no. 2, p.275. ISSN 1982-7784.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho**, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: 22 de maio de 2010.

HOLANDA, Francisco Uribam Xavier de. A lógica material e simbólica na agricultura familiar: idiossincrasias de assentamentos cearenses. **Rev. Planejamento e Políticas Públicas**, jul\ dez. 2010. N.35. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/195/190>. Acesso: 13 de maio de 2011.

IBGE. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais**: perfil dos municípios brasileiros, 2008.

JOAN, Scott. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Rev. Educação e Realidade**, julho-dezembro, 1995. Porto Alegre-RGS, vol. 20, no.2, p.71-99.

JOICE, Fernandes; FILHO, Cyro de Barros Rezende. **Percepção ambiental**: as transformações no cotidiano de caixaras de Ubatuba-SP na década de 1960 e na primeira década do século XXI. Curitiba: editora CRV, 2010.

KHAN, A.S. e SILVA, A.T.B. da. Reforma Agrária Solidária, Assistência Técnica e Desenvolvimento Rural no Estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.33, n.3, jul-set. 2002.

LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros. **Gênero, desenvolvimento e meio ambiente**: é possível uma relação transformadora? In: Mulher e Meio Ambiente. Maceió: EDUFAL, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Rev. Educação e Realidade**, julho-dezembro, 1995. Porto Alegre-RGS, vol. 20, no.2, p.71-99.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**: o prazer de conhecer. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MARIANO, Silvana. **Debates Feministas sobre direito, justiça e reconhecimento: uma reflexão a partir do modelo teórico de Nancy Fraser**. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais, 2009.

MOURA, Ricardo. **96% dos Municípios do Ceará sofrem com problemas ambientais**. Cidades em Alerta: reportagem jornal O POVO, 2008. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/844155.html>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

MOURÃO, Patrícia de Lucena. As práticas agroecológicas e as relações de gênero nas estratégias da agricultura familiar. **Rev. Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, fev. 2007.

MST. **Ato denuncia contaminação por uso de agrotóxicos no Ceará**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/720>. Acesso em: 12 de maio de 2001.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

PALMA, Ivone Rodrigues. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental,** 2005. Dissertação de mestrado em Engenharia de minas, metalúrgica e de materiais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARENTE, T.D.; VASCONCELOS, L.C.; TABOSA, F.J.S. ; MAYORGA, F. D. O. ; OLIVEIRA, S.C. **Análise de sustentabilidade dos beneficiados do programa cédula da terra no município de Sobral, estado do Ceará,** 2010. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/2010/trabalhos/Analise_da_sustentabilidade_dos_beneficiados_do_programa.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2011.

PIRES, Inácio José Bessa. **A pesquisa sob o enfoque da Estatística.** Fortaleza: BNB, 2006.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO E SUSTENTÁVEL DO ASSENTAMENTO MACEIÓ. Projeto Lumiar. Execução e supervisão: Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador- CETRA, Itapipoca-CE, 2000.

QUARANTA, Márcio; SOARES, Maria Lúcia de Amorim; GUIMARAES, Solange T. de Lima. **Uma aplicação da fenomenologia de Merleau-Ponty e da geografia humanística de Tuan a um trabalho educativo de percepção ambiental em trilhas.** In: I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas, 2006, Rio de Janeiro. Anais do I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas. Rio de Janeiro, 2007.

Report. Programme on Man and the Biosphere (MAB). Paris: UNESCO, 1973.

RIGOTTO, Raquel. **Agrotóxicos. A herança maldita do agronegócio.** Entrevista publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo- RS, 2011. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2011/02/25/agrotoxicos-a-heranca-maldita-do-agronegocio-entrevista-com-raquel-rigotto/>. Acesso em: 12 de maio de 2011.

RODRIGUES, Maria Ivoneide Vital. **A propensão à desertificação no estado do Ceará: análise dos aspectos agropecuários, econômicos, sociais e naturais.** 2006. 103 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente- PRODEMA), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural, 1995. **Rev. Horizontes Antropológicos.** Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/HorizontesAntropologicos/article/view/2579/1881>>. Acesso em: 02 de abril de 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **Primórdios do conceito de gênero.** Cadernos Pagu, p.157-163, 1999.

SANTOS, Graciete; BUARQUE, Cristina. **O que é gênero?** Cadernos de textos gênero e trabalho. VANIN, Iole Macedo; GONÇALVES, Terezinha (Organizadoras), Salvador: REDOR, 2006.

SCHÖPKE, Regina. **Dicionário filosófico: conceitos fundamentais.** São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.

SEEMAN, Jörn. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **Rev. OLAM- Ciência e Tecnologia**, set. 2003. Rio Claro-SP, vol. 3, no. 1, p. 200-223. ISSN 1519-8693.

SILVA, Alexandra Martins. **Mulheres em movimento: luta e resistência contra barragens.** 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Economia de Coimbra, 2007.

SILVA, André Luiz; VENTURA, Raissa Wihby; KRITSCH, Raquel. **O gênero do público: críticas feministas ao liberalismo e seus desdobramentos.** Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais, 2009.

SOUZA, Maria das Graças de. **A filosofia da natureza em Bacon: a herança democritiana.** In: *Filosofia & Natureza: debates, embates e conexões.* SANTOS, Antônio Carlos dos. (Org.). São Cristóvão - SE: UFS, 2010.

TAVARES, Hellen Olympia da Rocha Tavares. **Gênero: uma categoria de análise do social.** **Rev. Eletrônica de Ciências Sociais**, abril de 2010. Uberlândia-MG, vol.1, no.2, p. 49-54. ISSN 2175-7283. Disponível em: < <http://www.sociais.ufu.br/recs/v1n2/49-54.pdf>>, acesso em: 20 de abril de 2011.

TOSI, Lucia. **A mulher e a natureza: uma longa servidão.** In: *Mulher e Meio Ambiente.* EDUFAL: Maceió, 1994.

UNESCO. **Expert panel on project 13: perception of environmental quality Final,** 1973.

VASCO, Ana Paula; ZAKRZEWSKI, Sônia Beatriz Balvedi. O estado da arte das pesquisas sobre percepção ambiental no Brasil. **Rev. PERSPECTIVA, Erechim.** v.34, n.125, p. 17-28, março/2010. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/new/site/pdfs/perspectiva/125_71.pdf. Acesso em: 20 de março de 2011.

YI-FU, Tuan. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo\ Rio de Janeiro: Difel, 1974. Tradução de Livia de Oliveira, professora do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

Aluna: Tiala Cristine de Albuquerque
 Orientadora: Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima

Este questionário tem o propósito de levantar informações para elaboração da Dissertação, trabalho final de do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará. Desde já agradeço a sua colaboração e asseguro a não identificação de suas informações.

Número do Questionário: _____

A) INFORMAÇÕES GERAIS

1. IDADE: _____

2. SEXO: () 1.Feminino () 2.Masculino

3. Grau de Instrução		4. Faixa de Renda Familiar Mensal	
Analfabeto		01 a 03 SM	
Ensino Fundamental		04 a 05 SM	
Ensino Fundamental incompleto		06 a 10 SM	
Ensino Médio		11 a 15 SM	
Ensino Médio incompleto		16 a 20 SM	
Ensino Superior (E/C)		21 a 30 SM	
Pós – Graduação (E/C)		Acima de 31 SM	

5. ESTADO CIVIL: () 1.Solteiro () 2.Casado () 3.Desquitado/Divorciado ()

4.Outros _____

6. PROFISSÃO\OCUPAÇÃO: _____

B) INFORMAÇÕES SOBRE HÁBITOS E COSTUMES SOCIAIS

7. No dia a dia você considera que causa algum dano ao meio ambiente?

() 1.Sempre () 2.Algumas vezes () 3.Pouquíssimas vezes () 4.Nunca

Em caso afirmativo quais danos?

8. Em que grau esses danos afetam a sua vida?

() 1.Alto () 2.Médio () 3.Pouco () 4.Não afetam

9. No seu dia-a-dia, no assentamento, você mantém hábitos para minimizar impactos ambientais negativos?

HÁBITO	SEMPRE	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
Nunca joga os resíduos sólidos no chão				
Economiza energia				
Evita o uso de agroquímicos ou outros produtos que agridem o meio ambiente				
Evita o desperdício de água				
Outros (especificar)				

10. Na sua casa, como você tenta minimizar impactos ambientais negativos?

HÁBITO	SEMPRE	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
Economiza água				
Economiza energia				
Realiza coleta seletiva				
Retira a tomada de aparelhos eletrônicos que não estão sendo usados				
Acondiciona os resíduos sólidos em embalagens adequadas				

C) INFORMAÇÕES SOBRE A FORMA DE VER AS QUESTÕES AMBIENTAIS

11. Você busca informações sobre o meio ambiente?

() 1. Nunca () 2.Pouquíssimas vezes () 3.Algumas vezes () 4.Sempre

12.Se afirmativo, onde adquire as informações?

() 1.Livros () 2.Jornais () 3.Revistas () 4.Internet () 5.TV

() 6.Outros (especifique):_____

13. Na sua opinião a responsabilidade pelo meio ambiente deve ser atribuída

RESPONSÁVEL	TODAS AS VEZES	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
Governo				
Todas as pessoas				
ONGs				

14. Para que haja preservação ambiental é necessário:

	TODAS AS VEZES	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
APLICAÇÃO CORRETA DAS LEIS				
MUDANÇA DE HÁBITOS				
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS				

15. Com que frequência as alternativas abaixo podem ser consideradas problemas ambientais?

	TODAS AS VEZES	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
Desmatamento				
Queimadas				
Degradação do solo				
Poluição da água				
Êxodo rural				
Falta de esgotamento sanitário				
Pobreza				
Violência				
Excesso de consumo de bens				
Desperdício				
Não cumprimento das regras				

16. Você considera que o assentamento onde vive tem problemas ambientais?

() 1. Sim () 2. Não

Caso afirmativo, cite os que você considera mais relevantes:

17. Que problemas mais afligem o assentamento? Marque as alternativas que lhe parecerem relevantes.

() 1. Falta de saneamento básico, transporte público de qualidade, escolas e posto de saúde.

- () 2. Violência, assalto e insegurança.
 () 3. Ocupação de áreas de preservação.
 () 4. Coleta de resíduos sólidos deficiente.
 () 5. Falta de postos de trabalho.
 () 6. Número reduzido de áreas públicas de lazer.
 () 7. Outros _____

18. Você acredita que os problemas ambientais da sua comunidade podem afetar a saúde da população?

- () 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

19. Você acha que os problemas ambientais em escala mundial (como aquecimento global ou buraco na camada de ozônio) afetam a sua qualidade de vida?

- () 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

20. Caso afirmativo, de que maneira?

21. Em sua opinião, o meio em que vivem influencia a atitude das pessoas quanto a maneira como veem o meio ambiente?

- () 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

22. No assentamento, que atividade causa maior dano ao meio ambiente?

23. Marque a sua opinião quanto à frequência com que você:

Questões	TODAS AS VEZES	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
Se avalia uma pessoa preocupada com o meio ambiente				
Acha que a população está bem informada quanto aos benefícios de um ambiente bem preservado				
Acha que a população está bem informada quanto aos malefícios ambientais				

D) INFORMAÇÕES SOBRE A PREOCUPAÇÃO COM O AMBIENTE

24. O meio ambiente é importante para você?

- () 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

25. VOCÊ SE PREOCUPA COM OS PROBLEMAS AMBIENTAIS?

- () 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

26. O seu interesse pelas questões ambientais tem crescido nos últimos tempos?

- () 1. Sim () 2. Não

Por que?

27. Você avalia positivamente as suas ações em relação às questões ambientais?

() 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

28. Você costuma participar de audiências públicas que tratam sobre questões ambientais?

() 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

29. Você participa de eventos/campanhas relacionados ao meio ambiente?

() 1. Nunca () 2. Pouquíssimas vezes () 3. Algumas vezes () 4. Sempre

30. Quanto ao seu estilo de vida, você considera:

Questões	TODAS AS VEZES	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
muito prejudicial ao meio ambiente				
prejudicial ao meio ambiente				
parcialmente prejudicial ao meio ambiente				

E) INFORMAÇÕES SOBRE A SATISFAÇÃO PESSOAL

31. Como você classifica a qualidade de vida na sua comunidade?

() 1. Ótima () 2. Boa () 3. Regular () 4. Ruim () 5. Péssima

32. Com que frequência você acha que as questões abaixo encontram-se relacionadas com a sua qualidade de vida?

Questões	TODAS AS VEZES	ALGUMAS VEZES	POUQUÍSSIMAS VEZES	NUNCA
poluição no assentamento onde você mora				
poluição no município onde você mora				
sua saúde				
infra-estrutura de saneamento básico(água, esgoto, coleta de lixo) no assentamento				
qualidade da água que você utiliza para beber				
sua alimentação				

PARTE FINAL - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO (PREENCHER APÓS APLICAÇÃO):

1. Como você classifica o interesse do entrevistado pelas questões feitas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

2. Como você classifica a honestidade dos entrevistados ao responder as perguntas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

3. Em que local foi feita a aplicação do questionário?

APÊNDICE B**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**

Aluna: Tiala Cristine de Albuquerque

Orientadora: Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Idade:
2. Escolaridade:
3. Sexo:
4. Profissão\ocupação:
5. Como você vê o meio ambiente na comunidade?
6. Como era o meio ambiente no passado?
7. Como eram os animais, as plantas e o mar no passado?
8. Como era a vida no passado?
9. O que você espera para o futuro?